

**E·nigma**

**Disney no Céu  
Entre os Dumbos**

*por*

*João Barreiros*

**Jorge Candeias  
2001**

*Título: Disney no Céu Entre os Dumbos*

*Autor: João Barreiros*

*Publicado originalmente em: **Inédito***

*Os E-books editados pela E-Nigma são publicados por acordo com os seus autores e o copyright permanece na posse do autor. A reprodução destes E-books é livre se e só se o texto se mantiver inalterado e sob a forma original deste PDF, e na medida em que não haja aproveitamento comercial. A cópia, aluguer ou qualquer outra transacção destas publicações a troco de dinheiro está expressamente proibida.*

*Editor: Jorge Candeias*

**Versão Enigma Pro**

*Edição n.º: EP-1/2001*

## PRÓLOGO

*F*eitas as devidas conexões, activados circuitos e microelétrodos, a manhã pode enfim explodir à entrada do Parque num diorama feito de luz.

*Marklin recua dois passos, quase cego, com a pala do boné a cobrir-lhe os olhos. Não quer entrar, tem medo, há lá dentro qualquer coisa horrível.*

*Medo de quê, grande parvo, perguntam-lhe os colegas, ultrapassando-o, dedos nos narizes, a gozá-lo. Não vês que assim é mais depressa? Anda!*

*Marklin sacode a cabeça, indeciso, não sabe porque é que tem medo, nem sequer sabe o que está ali a fazer. Rumo a casa vindo da Escola? Quando? Onde?*

*A maleta pesa-lhe nos ombros como se a tivessem carregado de calhaus. Os pés, pelo contrário, mal aderem à gravilha do pavimento, tão leves os sente. Que idade tenho? Nove, dez anos? Mas o corpo, esse, é um corpo de adulto.*

*Então, então, gritam-lhe os colegas, já lá ao longe, na curva do caminho. Vens connosco ou não? E Marklin, que não quer ficar para trás, mesmo sabendo que está a fazer um disparate, acaba por os seguir.*

*E perde-se.*

*Ou é o mundo inteiro quem o perde, tanto faz. O céu, de um azul primaveril, desmaia-se num branco intenso, fulminante. O lago dos cisnes cristaliza-se numa placa de ébano. Mas no seu interior fulgem nebulosas.*

*Aqui e ali, como balões furados por agulhas, implodem pássaros, mirrando até serem pontos, pontos como estrelas negras a sumirem-se na pálida agonia do céu.*

*Assustado, incapaz de fazer face à situação, Marklin recua, mas os portões do*

*jardim fecharam-se-lhe entretanto nas costas, num estrondo que desperta uma revoada de ecos.*

*Em desespero de causa, Marklin dirige-se aos reformados sentados aqui e ali, nos bancos de ferro forjado, mas estes já não o ouvem, não se interessam, aliás nunca ali estiveram, não passam de bonecos espalmados de cartolina impressa, que ora se dobram ou se torcem, presos num vento mau que se levanta.*

*Subitamente foge-lhe o piso debaixo dos ténis, esvai-se toda e qualquer aderência ao solo, e Marklin vê-se obrigado a acelerar o passo, quase corre para não cair, cola-se ao muro de pedra que ladeia o passeio, mas o musgo, sem volume, acerado como lâminas, macera-lhe as pontas dos dedos.*

*As gotículas de sangue, frágeis como bolhas de sabão, dispersam-se pelo ar, sempre a esticarem-se, transformando-se aos poucos em linhas rubras, coruscante como néons. Quanto ao próprio muro, que antes parecia de pedra granítica, já deixou de o ser. As superfícies não cobertas por musgo têm agora o toque, a temperatura, de lamelas de gelo seco. E os paralelepípedos deslocam-se, sim, deslocam-se a velocidades independentes do solo, do seu próprio corpo, uns dos outros. Todos os objectos fogem rumo ao vórtice que surgiu no centro do jardim e que parece ter engolido o coreto inteiro e a estátua do general.*

*Marklin faz força com os pés para não ter a mesma sorte, mas nada feito, o gradiente do solo aumenta, o caminho escoá-se sob os ténis, rápido como uma torrente próxima do sorvedouro da catarata.*

*Vozes cantam-lhe aos ouvidos, baixinho, num suspiro insistente:*

***SINGULARIDADE! SINGULARIDADE! SINGULARIDADE!***

*Não quero, geme Marklin, indiferente às vozes, debatendo-se, voltando as costas ao vórtice, procurando arranjar maneira de fugir dali. Talvez se correr o suficiente, se conseguir projectar uma órbita (?) de escape...*

*Mas atrás dele o jardim, a cidade, o oceano, o mundo inteiro vão-se erguendo como se estivessem pintados numa parede. Ou num funil.*

*Imaginem uma tela elástica na qual se desenharam casas, ruas, um porto com navios, desenhos já tão deformados pela distorção do espaço, que se tornaram incompreensíveis. Desenhos que se esticam rumo à inacessível verticalidade do horizonte.*

*e o céu a apagar-se aos poucos como uma lâmpada de mercúrio.*

*e as vozes, frenéticas, insistentes:*

***singularidade! singularidade! singularidade!***

*e Marklin sempre a escorregar de encontro ao horizonte eventual.*

*Socorro, grita, socorro!*

*De súbito, a seu lado, vindo de onde os sonhos vêm, chapéu de coco escondendo as orelhas rosadas e pontiagudas, patas humaniformes a ajustar os reguladores do saxofone, grande, quase do seu tamanho, charuto na boca a cuspir cinza, fagulhas e perdigotos, materializa-se o Rato Negro.*

*— Não te disse que ias meter água? Com que então um vórtice gravítico? Uma estrela neutrónica?*

*— Só quero voltar para casa... — pede Marklin. — Só isso...*

*— Estamos mesmo contra a parede, não é? Seja, não tenho outra solução... Segue a música, vá... Segue a música...*

*Começa a tocar, patas batendo a compasso.*

*Marklin pensa: Dixieland? Nova Orleans? Onde...*

*Então,*

## 1

Morto o Balrog, espada cravada entre a décima e a décima quinta costela, morto pelas costas, à socapa, o que não é lá muito correcto em termos de pontuação. (mas como é que se pode dar cabo de uma criatura destas senão assim), Marklin avança pelo corredor rumo aos aposentos da Princesa, devagarinho, pé ante pé, invisível, amuleto mágico telintando de encontro ao pescoço. No canto superior esquerdo do olho, flamejam em cores garridas os algarismos da pontuação final. O jogo está prestes a terminar. A recompensa aproxima-se.

A cota de malha empapada na linfa amarelada do Balrog enoja-o, dificultando-lhe os movimentos. Marklin despe-a e abandona-a no chão, confiante de que não será mais necessária. Tremem-lhe de cansaço as mãos suadas. Lembra-se da espada, ainda cravada nas costas da aventesma, mas não lhe apetece ir buscá-la, aliás nem sequer se preocupa com isso, a partir deste instante pede-se um outro feito, um outro género de arma.

Desemboca numa sala cujo tecto desaparece na distância e na escuridão. Penduradas nas paredes de rocha talhada ao vivo, tapeçarias medievais desbotam desenhos comidos pelo tempo e humidade. Fragmentos de corpos enlaçados jazem, estáticos, sobre jardins de pedra. Mais á frente, eis duas portas cobertas por dois cortinados púrpura.

*Duas portas?*

*Ah não, pensa, é injusto!* Marklin ressentido desta traição final, deseja a carga catéxica do futuro encontro com a Princesa, não isto, não uma escolha que se pode revelar fatal. Ainda por cima os pontos de que dispõe não chegam para um charme précognitivo. *Gaita!* Não chegam, porque os gastou num estúpido escudo de invisibilidade. Vai ser obrigado a decidir de outro modo, ao acaso.

Estala com a língua nos lábios, bate o pé, coça o pescoço, *vamos, vamos, o tempo aqui é precioso, qual das duas, a Dama ou o Tigre?*

Decide-se, enfim. Será a da direita, pronto. Afasta o cortinado, roda a maçaneta, penetra num quarto de dormir. Deitada na cama, nua, sorrindo-lhe, braços e pernas abertos para o receber, eis a Princesa!

Marklin respira fundo, aliviado. Afinal acertou!

— O Balrog está morto, o feiticeiro desfez-se em cinzas, estás livre e eu exijo a recompensa a que tenho direito!

— Então porque esperas? — responde a Princesa, apoiada num cotovelo, a outra mão estendida. — Vem. Vem até mim. Ama-me!

Marklin abraça-a, toca-lhe num seio, beija-lhe a boca. Mas os seus dedos sentem o frio da escama e os lábios sorvem o bafo adocicado da carne putrefacta. Procura fugir, recuar, mas a Princesa agarra-o pelo pescoço, mostrando dentes afiados em ponta, obrigando-o a contemplar as jóias cintilantes dos olhos.

— És um parvo! — troça ela. — Como te atreveste a terminar o jogo sem um mínimo de reservas pontuais? Sabes que vais morrer? E que horrível vai ser esta tua morte! Sabes que falhaste na escolha da porta? Era à esquerda, imbecil! Já percebeste quem eu sou, como amo?

*Não*, diz Marklin, debatendo-se, *não, não...*

— Ah sim... — responde Lilith, a Lâmia, caindo sobre ele, imobilizando-o na contorção ofídica do seu corpo, entre lençóis que sabem a morte, que são a Morte. — Vês a minha mão? — pergunta, mostrando dedos onde crescem unhas, negras como garras. — Vês os meus lábios? — sorri, descobrindo gengivas que endurecem, cartilagosas, num beijo de lampreia. — Perdeste, perdeste, és meu, e eu devoro-te!

Marklin grita de terror. Tenta desviar a cara, fechar os olhos, mas as regras não lho permitem, é obrigado a ver a Lâmia enterrar-lhe as garras nos músculos peitorais, a descer

a boca rumo ao baixo ventre, rumo à mutilação definitiva.

Dentes sobre o pénis, macerando, macerando com doçura.

Cor.

Luz.

Dor. Sons. Frio. Ar. Ar.

E...

## 2

Marklin desperta, debatendo-se contra o capacete virtual e luvas cinestésicas.

O sofá cheira a vomitado. O revestimento de termoplástico adere-lhe às costas suadas. Por momentos deixa-se ficar assim, a respirar aos sacões, aflito.

À sua frente, recostada num cadeirão da sala de jogos, boquilha apagada ao canto da boca, o holograma da Vanessa Redgrave sacode a cabeça um tom de censura:

— Então, menino, calma, não leves as coisas tão a sério... Afinal não foi nada, vês? Ainda estás inteiro...

Marklin estremece nauseado. Passam-se segundos antes de conseguir arrancar as ventosas dos bioreceptores coladas sobre as arcadas superciliares. Em seguida esfrega os olhos, esforçando-se por exorcizar um pesadelo feito de humilhação e de impotência.

— Tudo o que é demais...

— Achas? — espanta-se Vanessa. — Olha que pela minha parte se cumpriram todas as regras. Até tiveste sorte, pois se não fosse esta emergência, o programa dos jogos continuava ainda por dez minutos subjectivos...

— Mais dez minutos com *ela*? Céus! A acontecer o quê?

— Ai, não digo. Ficará para a próxima, sim? E agora vê lá se arrebitas, se pegas numa pá ou em qualquer outro objecto contundente e vais ajudar os nossos amigos roedores a espantar pardais...

— Deixa-te de graças e explica-me o que se passa. — resmunga Marklin sem paciência nenhuma.

— Escuta, menino. Uma máquina de von Newmann decidiu fazer ninho mesmo à porta de casa. Furou o balão atmosférico de um lado ao outro. Pfff! Um peido descompressivo. Presentemente anda a fazer estragos nas colheitas...

— E que tenho eu a ver com isso? — resmunga Marklin levantando-se da cadeira, ainda trémulo, perna cibernética bem apoiada, enquanto a outra, a biológica, continua sujeita a espasmos musculares.

Vanessa sorri, escamas a nascerem-lhe no rosto como lágrimas:

— Tens, porque eu te mando, filho! Queres chatices?

Marklin acena que não, resignado. Só pode obedecer.

Termopele vestida, barra de plastex pendurada na mão, olhos por momentos fechados para não ter de suportar a vertigem consequente da distorção gravítica, Marklin desce a escada em caracol ornada de desenhos florais pintados a branco, rumo à superfície do asteróide. Durante segundos sente-se mosca, suspenso de cabeça para baixo numa espiral à la Moebius, onde cada passo implica uma queda inevitável. Depois, já nos braços da hipergravidade, emerge do chão no esplendor cintilante do solarium.

É meio dia e o micro-sol em órbita lithossincrónica incendeia o similtobre que sustenta os painéis hexagonais, escorrega no veludo das folhas, despertando a cor cerunculosa de milhares de pétalas e sépalas. Mais abaixo, bem junto à erva e ao húmus, sobre calhas de plástico, desliza um vagão de fertilizante puxado por três roedores/jardineiros. As criaturas de focinhos soerguidos, pedalam com energia. Sobre os crânios

rapados fremem as antenas dos neurotransmissores. Dado que se encontram demasiado ocupados para repararem nele, Marklin diverte-se a assustá-los colocando o seu pé cibernético sobre a calha. Um dos ratos guincha, escandalizado, sacudindo no ar um punho minúsculo. O outro, ainda debruçado sobre os controlos do vagão, não dá por nada, esforçando-se por pedalar contra o súbito obstáculo. Marklin solta um risinho culpado e maldoso.

Por fim suspira, levanta o pé e deixa-os seguir em frente. O vagão arranca, num estalido de engrenagens oleadas, derrapa um pouco devido ao súbito impulso, e lá se vai perder na curva de um montículo, com um dos ratos de pé, sobre a capota, voltado para trás, a chiar insultos.

— Bom dia... — acena-lhes Marklin. — Deixem estar... é hoje que me mato, com certeza...

Passada a comporta da estrutura-solarium, a paisagem acerba-se, sujeita aos imperativos biológicos de um outro ecossistema. Liquens rosáceos espalmam-se de encontro às vertentes sombrias das crateras. Plantas tubulares, mais parecidas com vermes, rendilham a superfície do asteróide, pulsando, com os tegumentos vítreos a deixarem transparecer a circulação de fluídos inomináveis. Têm a cor de vísceras, de órgão tumefactos prestes a explodir. Marklin acelera o passo, evitando pisá-las. Aqui e ali, criaturas semelhantes a bexigas de ar circulam a esmo, na doce aragem. A atmosfera tresanda a gás sulfídrico e, se não fosse a sintaderme que lhe cobre os alvéolos pulmonares, Marklin cedo sufocaria.

Lá no alto, algumas dezenas de metros acima da sua cabeça, a bioderme que envolve o asteróide como uma casca, começa a cicatrizar o rombo provocado pela passagem da máquina de von Newmann. Por todo o lado esvoaçam roedores munidos de placas agrav, com as pinças dos waldos a castanholar. Enquanto outros, suspensos como moscas contra

um céu translúcido, correm sobre a bioderme em busca de novas fugas de pressão. Os mais curiosos descem até à sua altura, em suaves voos acrobáticos. Marklin enxota-os, irritado.

O teor de adrenalina sobe e desce-lhe no sangue, estimulado pelos circuitos gnósticos da perna artificial. A verdade é que, algures, nessa zona metarreal que constitui o neurocomp, foi decidido que Marklin teria de se esforçar fisicamente para anular o intruso. Daí essa agressividade, esse *angst* incipiente. *Estúpidos circuitos! Estúpidos ratos! Rua! Casota! Xota!*

À medida que avança rumo ao ponto de impacto da máquina de von Newmann, o micro-sol recua até se pôr no horizonte. A bioderme aclara-se, deixando transparecer a agonia pálida das estrelas já mortas e o arco distante do verdadeiro sol. A temperatura começa a baixar de gradiente, arrefecida pelo vácuo exterior. Sopra agora um ventinho que desliza de um hemisfério para o outro, trazendo consigo colónias de bexigas voadoras.

Marklin diminui a intensidade do passo, receando enfiar o pé em qualquer fenda, ou esborrachar sob a bota a flora que tanto o repugna. O olho esquerdo, o cibernético, começa a funcionar a infravermelho. A visão estereoscópica adquire a capacidade de diferenciar recortes. As plantas dulcificam-se, e por ali ficam a arder como rios de lava. Líquenes cromatizam a paisagem nocturna, bexigas vogam como dirigíveis festivos. E lá no alto, a Via Láctea desperta em Marklin o habitual arrepio de horror: *O Centro, pensa ele, o Centro a explodir numa labareda única com centenas de milhar de anos-luz de extensão, e toda a fauna da Galáxia em fuga para a periferia, a ultrapassar-nos... E nós sem a podermos seguir, prisioneiros de naufragos parasitas, sob o jugo implacável dos Dumbos...*

A metade humana começa a tremer. De medo, de frio, da estimulação supra-renal, tanto faz. Marklin tirit. *Bipbipbip*, diz-lhe o comunicador auricular, avisando-o do ponto de penetração da máquina de von Newmann.

Ao aproximar-se do asteróide, a máquina abandonou a tocha de hidrogénio. Afinal só o módulo reprodutor trespassou a bioderme. Marklin descobre-o lá ao fundo, suspenso nas patas ambulacrárias, a descer prudentemente a ravina de uma cratera. Verdade seja dita que não foi von Newmann quem o concebeu, pois nessa época remota a espécie humana ainda devia estar a perguntar-se como seria possível descer das árvores. Decerto criada no centro da galáxia, esse centro já extinto num orgasmo de luz e radiação, a máquina viajou, solitária, através de incontáveis sistemas, devagar, devagar, como uma borboleta noturna rumo à candeia das estrelas, colando-se a luas e asteróides, sugando matérias-primas, fabricando cópias de si mesma, partindo de novo, sempre a reproduzir-se num ritmo exponencial, até que um belo dia, num futuro incomputável, fosse possível encontrar-se por todos os aglomerados estelares modelos semelhantes, grávidos de informações preciosas. Máquinas de von Newmann de origem alienígena sempre foram raras no sistema-sol. Em melhores dias, a captura de um destes modelos teria provocado manifestações de júbilo na comunidade científica humana. Mas agora que a tromba dos Dumbos anda a saquear a libido da humanidade escravizada, a sua presença não passa de um mero incómodo. E ali estava uma delas, à guisa de exemplo, a pavonear-se, a esgravatar o solo com as pinças, incapaz de compreender que desceu em território ocupado.

Factor que não impediu, aliás, que os seus sensores, indiferentes a qualquer impulso orgânico, detectassem a existência de ligas metálicas complexas no sistema de apoio de um dos cabos de suspensão da bioderme. E assim, impelida por tropismos programados por uma espécie carbonizada pela explosão do Centro, *plocplocploc*, patas ambulacrárias esborrachando a flora, a máquina começa a aproximar-se da âncora magnética em busca de materiais que lhe facilitem a próxima reprodução. *Nem penses*, grita-lhe Marklin, barra de plastex levantada ao alto, pois o corte súbito de qualquer cabo faria perigar a posição da bioderme relativamente à massa do asteróide. Um acidente que nem ele nem o neurocomp poderiam permitir que acontecesse.

Por isso mesmo, sob a luz crescente do micro-sol que desponta no horizonte, Marklin ergue a tranca e abate-a uma, duas, três vezes sobre os órgãos sensitivos da máquina de von Newmann. O seu gesto não passa afinal de um acto de misericórdia. Placas exteriores corroídas pela atmosfera de metano, e com as pinças, câmaras e circuitos fundidos, a máquina resigna-se a entregar a alma ao criador. Mesmo assim Marklin insiste, numa fúria perversa, pois ela é um bom exemplo dessa vida que foge do Centro da Galáxia, dessa vida que ignorou a humanidade, que a deixou entregue à abominação dos Dumbos.

*Ora toma! resmungo ele acertando em cheio. Pensas que me ralo? Toma!*

### 3

Mas lá para o fim do pseudo-dia, enquanto o micro-sol se afasta rumo ao outro hemisfério, sentado numa das cadeiras de lona sob a cúpula despolarizada do solarium, envolto no musco clorofílico das plantas terrestres, copo de álcool quase puro a pender da mão, Marklin enfrenta a fase depressiva da sua ciclotimia.

Quer morrer de vez, pois a vida transformou-se num horror sem sentido. Que mais pode esperar dela senão outra visita dos Dumbos?

Para o distrair, roedores saltam de ramagem em ramagem imitando pássaros, cantando como pássaros. Num minúsculo coreto a alguns metros de distância, cinco ratos negros tocam clarinete e saxofone, patas humanizadas a correr sobre os orifícios dos instrumentos, antenas dos neurotransmissores de momento ocultas sob os chapéus de coco. *Eis Nova Orleans*, diz Marklin de si para si, procurando transformar a palavra em algo mais do que um nome. Mas nada resulta, nada. A memória do passado permanece impenetrável. *Quantas vezes*, pensa num arrepio nauseado, *quantas vezes já me visitaram? Quantas*

*vezes restam até ficar vazio como um saco?*

Levanta-se, entornando o copo. Um dos ratos poisa-lhe sobre o ombro. No seu dorso, por detrás de duas minuciosas asas de anjo, zumbe um placa agrav. Marklin enxota-o. Ofendido, o roedor angelical esvoaça, ascendendo aos hexágonos superiores do solarium. E lá no alto, pendurado pelas patas traseiras a uma junta de similtobre, fica a olhá-lo, a chiar baixinho.

Passada a comporta, lá fora, indiferente, o ecossistema dos dumbos dormita na noite artificial. Como um parasita perdido num estômago imenso, cabeça atirada para trás, procurando esconder os seus pensamentos à inefável vigilância do neurocomp, Marklin deita a correr na direcção do ponto onde a bioderme se une à rocha do asteróide.

Mas como morrer sem que ninguém dê por isso, como escapar de vez a esta espera que se eterniza num marasmo de doce horror? Nada mais simples: basta-lhe furar a pele no ponto mais acessível, junto às docas de acoplagem, e passar-se para o outro lado onde a noite é permanente e o vácuo absoluto. E tudo isto depressa, antes que o neurocomp perceba a situação e resolva desligar-lhe a metade cibernética. Será que já tentou isto antes? Não se lembra, raios, não se lembra...

Lá no alto, as estrelas seguem-no em despedida. Júpiter brilha na vertical, grande como um polegar, deixando transparecer uma réstia de cor logo oculta por uma nuvem de esporos em migração. *Como ficará o céu, interroga-se Marklin, quando o nosso sistema solar foi envolvido na labareda que vem do Centro? Os dumbos e a humanidade ainda dançarão esta pavana de morte?*

E depois? Encolhe os ombros. Tão próximo do fim, que lhe importa a sorte dos outros?

Acabaram-se as divagações. Chegou. Eis as docas, mesmo em frente.

A Via Láctea torna-se invisível, a bioderme conjuga-se com o asteróide, opacizando-se à medida que desce e engrossa, com todas as artérias irrigadoras bem distintas na

florescência dos fluídos alimentares. Sobre a rocha, expandindo-se para ambos os lados até se ir enrolar no horizonte, um muro de plastex engole os derradeiros centímetros da bioderme. Delgadas como dedos, emergindo do solo e colando-se aos conectores arteriais, tubagens sugam proteínas dos sintetizadores enterrados, distribuindo-as pela bioderme sequiosa.

Ofegante, Marklin espalma as mãos sobre a superfície fosca e visceral, sentido a mordedura do frio absoluto que o espera do outro lado. Para além do véu que a pele forma, fantasmáticas, ameaçadoras como insectos carnívoros, elevam-se gruas, torreões, waldos, antenas de micro-ondas e cabos de acoplagem.

Deste lado, de pé, braços abertos em cruz, Marklin faz força, *empurra*. Mas a bioderme resiste a todos os esforços.

Marklin morde os lábios ao ponto de fazer sangue. Podia desistir, dar-se por vencido, voltar ao solarium. Contudo insiste por princípio. A cobertura, teimosa, molda-se-lhe aos dedos.

Marklin grita, desesperado, músculos a tremer com o esforço, até que a bioderme acaba por rasgar-se, deixando passar os punhos.

Alarmes de quebra de pressão troam nos auriculares. Uma voz sussurra-lhe aos ouvidos:

— O que é que julgas que estás a fazer, grande parvo?

A pele que lhe acaricia o rosto começa a fremir, magoada, chamando a si cicatrizantes. Quanto à mão direita, a verdadeira, mal protegida pelo fato de sintaderme, no abraço álgido de cem graus negativos, insensibiliza-se.

— Complexos messiânicos? É isso? — insiste a voz. — Crucificado perante um universo indiferente? Vendido ao dumbo invasor? Para redimir os pecados de quem? Francamente, Marklin... Que mau gosto, filho!

Marklin não quer saber, finca os pés, empurra com todo o corpo. Submissa, a bio-

derme dilata-se acompanhando a curvatura do rosto e dos joelhos. Metano escapa-se através das fendas. *Depressa! Eis que chega o fim, como uma taça de gelo...*

— Queres parar com esse disparate? Queres ter chatices comigo, é isso? Estás com muita vontade de apanhar? — prossegue a voz do neurocomp, tornando-se dura, maliciosa.

Desta vez a pele rasga-se-lhe em torno da cabeça como um hímen imenso e pegajoso. Mas acabou. A partir daí não consegue avançar nem mais um centímetro. Preso pelos braços e pelo pescoço, como num patíbulo medieval, Marklin sujeita-se durante curtos segundos à negação do vazio.

Infelizmente a sintaderme que lhe cobre o corpo inteiro, fabricada especialmente para resolver acidentes como este, ao detectar uma baixa repentina de pressão e temperatura, cristaliza-se sobre as zonas expostas, metabolizando oxigénio a partir da água residual celular. Marklin quer morrer mas não morre. Quer gritar e não consegue. À sua frente, o cais de desembarque afunila-se rumo ao opérculo do centro, com os holofotes de sinalização acesos numa claridade que não permite sombras. E lá no alto, ou no fundo, como queiram, já que a hipergravidade aqui não funciona, uma estrela cadente roda cento e oitenta graus, e Marklin pode ver enfim a superfície ovóide que se aproxima, jactos de atitude a travar, fulgurantes como sois, prestes a sincronizar órbitas com o asteróide, sempre a inchar, grande, tão grande, eclipsando estrelas com o negrume da sua massa, anéis de luzes vermelhas cintilando sobre a região frontal.

Marklin debate-se, apoia os pés, arrancando-se como uma rolha ao amplexo elástico da bioderme, acabando por cair de costas sobre a rocha vulcânica, esborrachando fungos e colónias de líquens. Aos poucos, as fendas feitas na bioderme cicatrizam-se, emitindo macromoléculas, impedindo a perda de metano.

— Grande parvo... — comenta o holograma da Raquel Welsh, vestida de couro negro, chicote a serpentear numa das mãos, rodeada pelos seus *olhos* verdadeiros, cinco formas fugazes de ratos voadores. — Então já te fartaste? Sua Ex<sup>a</sup> adiou o suicídio para

outra ocasião?

— Um dumbo... — responde Marklin, arquejando, enquanto a sintaderme lhe vai desbloqueando as vias respiratórias. — Vem aí um dumbo...

— Vem o *quê*? — Raquel sacode o braço e o chicote estala mesmo sobre a sua cabeça, num ruído seco como uma bofetada. — Estamos a delirar? Não achas que me teriam avisado se isso viesse a acontecer? Os dumbos informam sempre... Aliás ainda te encontras dentro do período de recuperação. Não é aconselhável que...

— Um dumbo...

— Já ouvi, filho! Não desvies a conversa. Temos contas a ajustar, foste desobediente, danificaste a propriedade alheia... os meninos maus têm de ser punidos, pois a dor é essencial à disciplina. O castigo em termos psicosexuais é...

— Estou farto disto! — grita-lhe Marklin, tentando levantar-se, ainda mal seguro sobre a perna verdadeira. — Não percebeste o que te disse? Arre, tudo isto é grotesco!

Procura pôr-se de pé, mas o chicote, ou o seu holograma, marca-lhe as costas numa vergastada tão real como se fosse verdadeira. Micro-eléktodos de proteína, implantados um pouco por todo o sistema nervoso, enviam falsas informações ao hipotálamo. Falsas ou não, doem.

— De joelhos! — insiste Raquel. — De joelhos, menino, a pedir perdão a quem de direito!

Marklin não pode fazer nada além de obedecer. Implacável, o holograma faz estalar o chicote. Marklin morde os lábios para fazer sangue, para enganar a dor virtual, mas a sintaderme solidifica-se ante a pressão dos maxilares, obrigando-o a sujeitar-se à tempestade das sensações fantasmas.

— As botas! Quero as botas lambidas, já!

— O jogo *acabou*, estúpido programa! Vem aí um dumbo!

— As botas... As... — e depois cala-se, interdita. O neurocomp capta enfim o código

de emergência de uma nave dumbo em perdição, nave que se aproxima do asteróide pelos seus próprios meios, indiferente às coordenadas do feixe electromagnético.

— Como? — pergunta Raquel. — Como...

Do outro lado da bioderme desce a madrugada sobre o cais. Clarões luminosos cromatizam a barreira atmosférica do balão. Apitos de alarme silvam na distância. O solo estremece, febril.

Arrancado pela fricção súbita de um tanque de combustível, um dos guindastes é atirado para longe do funil de acoplagem, a rodopiar num vector quase tangencial ao micro-sol que nesse momento desponta. A nave dumbo, mal pilotada, arremessa toneladas de energia cinética contra o opérculo estanque da doca. No seu rasto, quebram-se waldos, estilhaçam-se chapas fotoclectoras, fundem-se holofotes, num temporal de nuvens de gás sob pressão. Cabos eléctricos bissectados sangram energia, sacudindo-se como mangueiras, cuspidos fagulhas em fogos de artifício. O asteróide inteiro sacode-se. Dançam os cumes das crateras, cantam os cabos de sustentação.

Finalmente, a acalmia.

No cais, inclinado de lado, desenha-se a contra luz a massa gigantesca e ovóide de uma nave dumbo. E do outro lado da bioderme chamuscada, sombra na noite imensa que constitui a cintura de asteróides, Marklin distingue o Módulo pendente, os cilindros de combustível quase desfeitos, o fulgor vermelho dos reactores desligados, a esmorecer aos poucos.

*Um dumbo!* geme Marklin. *Um dumbo que atracou! É o fim... Estou feito!*

Já não quer morrer, desistiu de pensar no suicídio. Tem demasiado medo doutro tipo de morte, do lento escoar da alma, desse abismo ontológico de que os dumbos são peritos. Quer viver outra vez... Agora que não pode, agora que já é demasiado tarde...

4

CONSIDEREM:

A doca de acoplagem vista do interior pressurizado: um funil ao inverso.

A cabeça da nave dumbo a espreitar do opérculo, torcida como o crânio de uma vespa, lâmpadas de sinalização estaladas como olhos multifacetados.

Nanobôs turbilham contra a curvatura das paredes, afadigando-se em torno das fendas, mossas, e demais estragos. Lasers acendem-se e apagam-se nas mãos humanizadas dos roedores, coruscantes como minúsculas supernovas.

Ratos mergulham na vertiginosa curvatura da doca, servindo-se das placas Agrav, arrastando sacolas de plástico carregadas de componentes de substituição.

E lá quase em baixo, próximo, tão próximo da cabeça fosca da nave dumbo, suspenso pela hipergravidade numa antepara helicoidal, agoniado pelo medo e tonturas, Marklin conversa com a Sharon Stone:

— Isto já tinha acontecido alguma vez?

— Um dumbo chegar sem aviso? Negativo. Há um ritmo de visitas, entendes? Há sempre um código de acesso a respeitar, toda uma hierarquia a cumprir. Este asteróide, sabe-lo bem, é um dos sectores exclusivos à alta casta dos dumbos. Contem melhor material mnésico. Ids fervilhantes. Como o teu, Marklin... — mão sobre o ombro, boca ciciante.  
— Ainda te restam anos de boas recordações para sugar. a verdade é que desconheço o que se passou. A ver vamos... Quando sua Ex<sup>a</sup> sair do Módulo, terá de dar-me uma justificação...

— Quase destruiu a bioderme...

— É que não possuía um código de acesso aos meus bancos de data que lhe permitissem seguir as coordenadas do feixe electromagnético. Bizarro... A aproximação

foi manual... os módulos deste tipo não possuem integração cibernética, não precisam... Seguem vectores calculados no momento do disparo. Servem-se apenas de dois jactos de atitude para corrigir as manobras mais delicadas. Sua Ex<sup>a</sup> deve ter um piloto magnífico para conseguir atracar sem danos de maior monta. Cegos como os dumbos são, só a tromba pode...

— E se te calasses? — grita-lhe Marklin. — Achas que me diverte muito, a pedagogia? Quero ir-me embora. Não estou para o receber, não me apetece. E se fossemos antes tomar um chá?

Sharon sorri, apertando-lhe o braço: — Muito engraçado. Não, tens de ficar aqui. Repara, um dos opérculos está a abrir-se. Sua Ex<sup>a</sup> resolveu sair... Espero que o choque não a tenha danificado...

Suor confunde-se com lágrimas no rosto de Marklin. *Vou vomitar*, pensa, *se continuo aqui, deito tudo fora*. Mas não pode fazer nada, claro. Só lhe resta aguardar.

O opérculo do módulo, ou melhor, a parte que conseguiu passar pela comporta estanque, encontra-se presentemente numa fase de dissolução. Embranqueceu, opalesceu, vitrificou-se, e pinga agora, gota a gota, desfazendo-se em pérolas que se desprendem e esvoaçam até serem engolidas pelos colectores de desperdícios situados mais acima.

E o dumbo emerge, enfim, brota do módulo como o caroço de um fruto demasiado maduro. Assemelha-se a uma carraça de cor cinzenta, a não ser nas estrias brancas junto à articulação com a tromba. Gasta alguns segundos a sacudir-se, confusa, libertando as orelhas cartilagosas, orelhas que se vão desenrolando nesta gravidade minimalista como as asas de uma borboleta acabada de nascer. A criatura não possui braços ou patas, não passa de um saco amorfo unido a uma serpente preênsil.

— Ah, gaita! — exclama Sharon. — Temos sarilho, estamos bem servidos...

— O que foi? — pergunta Marklin, entre dois vómitos secos. — Explica-te!

— É uma mnemo-transportadora! Ilegal! Ilegal! Tenho de comunicar que...

— É o quê?

— Faz parte do terceiro sexo da espécie Dumbo. É um Mula, fisiologicamente neutro, mas maternal até à psicose. Reparaste naquele saco, de tonalidade mais clara, mesmo junto ao ventre?

— Não vejo nada! — geme Marklin.

— Pois serve para transportar óvulos fertilizados. Milhões e...

— Sharon, que raio, então faz qualquer coisa! Aquilo está a acordar, já nos topou, ah, que nojo, não tem olhos, está a levantar a tromba, como é que...

— ... Milhões destinados a receber uma programação eidética transmitida pelos restantes sexos. Percebes?

— Sharon, ela está a levantar voo. As orelhas batem. Vem para aqui. É maior do que eu... Sharon...

— Ora consideremos: macho/classe trabalhadora. Dador de sémen. Fêmea/classe administrativa. Dadora de óvulos não fertilizados. Terceiro sexo/mnemo-transportadoras. Transmitem às crias as recordações da espécie. Além disso...

— Sharon, socorro!

— ... Além disso possui tecido cortical em demasia. Simples, tão simples de perceber, pois o tecido excedentário serve para armazenar toda a memória racial, mais as recordações subtraídas aos humanos capturados. Nunca se vêem, estas transportadoras, sempre escondidas, ciosamente guardadas pelo enxame. Sabes que são perigosas? Perigosas porque desejam levar a bom termo a totalidade da ninhada... PUN! Explosão demográfica em poucos meses. E isso não pode acontecer, não é, Marklin querido? Nem todos os duminhos têm direito à vida, às vossas almas. É que são muitos... tantos... tantos... Há que seleccionar, escolher os melhores genótipos. Pergunto a mim mesma como é que esta conseguiu escapar-se, pois é mesmo uma fugitiva, disso não tenho a menor dúvida... . Contudo, se analisarmos o problema numa perspectiva...

— Sharon, cala-te! Mas o que é que se passa contigo? Olha, ela está mesmo aqui!

De facto o dumbo ascende até à plataforma, escorregando nas correntes de ar, com as orelhas vagamente a fremir, tromba tensa, soerguida como um periscópio. Aqui e ali, na superfície fibrosa do seu dorso, desenham-se os ideogramas dos implantes, piscam as luzes de presença das placas agrav, semelhantes a dezenas de falsos olhos. O filtro sobre o opérculo nasal cospe borbotos de metano. De ambos os lados estalam as juntas dos manipuladores, contraindo-se e distendendo-se como braços esqueléticos. Mais abaixo, quase junto ao inchaço da cloaca, o codificador vocal entretém-se a emitir acordes da *Ponte do Rio Kwai*.

Marklin recua até ficar encostado à curvatura da parede. A voz sumiu-se-lhe, não consegue sequer gritar. O coração ribomba-lhe garganta acima. Quer fugir dali e não pode pois as metade cibernética encontra-se desligada.

E o dumbo fala-lhe com ternura, com uma pitada de desejo escondida lá no fundo, numa voz sintética semelhante à da Marlenne no *Anjo Azul* : — Salvé ó memória morna ó espírito de pássaro ó nervos que esperam o meu toque, escuta, sou a Suzana, eis-me chegada e inevitável.

A tromba percorre-lhe a metade humana do rosto numa carícia. É feita de uma estrutura anelada e quitinosa, o seu toque é eléctrico, vagamente sensual. O dumbo flutua mesmo á sua frente, imenso, quase a ocultar com o corpo a totalidade da doca.

Contudo é o holograma da Sharon Stone quem sofre as primeiras transformações. De início flameja, incerto, esforçando-se por juntar num só todos os rostos que compõem os seus programas. Depois torna-se transparente, quase imaterial. Ainda consegue articular:

— Mais uma ilegalidade! Porte não autorizado de um disruptor de neurocircuitos! Marklin, depressa, medidas... — e em seguida desaparece.

No abismo da doca reina a confusão. Robôs completamente desgovernados chocam contra as anteparas, ribombando. Roedores executam loopings, tochas acesas a traçarem

sulcos térmicos sobre circuitos expostos e cabos de alimentação. Alguns mordem-se em pleno voo, aspergindo de gotículas sanguinolentas o funil do poço central. Luzes acendem-se e apagam-se, sereias avisadoras de quebra de pressão berram enganadas, e Marklin sente a hipergravidade a ir e a voltar, em sucessivas vagas que variam entre zero gramas e centenas de quilos por centímetro quadrado. Cai de joelhos para logo começar a subir, descolado da parede sem que haja nada que o sustente.

A tromba da Suzana segura-o então pela cintura, num abraço terno e íntimo, até que os sistemas do neurocomp consigam adaptar-se às buscas quebras de status. Por fim, o silêncio envolve a doca. Calaram-se as sereias, os estampidos das máquinas descerebrizadas, o crepitar dos cabos amputados, os guinchos dos roedores. Resta o dumbo. E a sua voz doce, doce e rouca. :

— Diz-se por aí, e tu sabe-lo bem, não é verdade, Marklin/amor, pérolas da cultura, que dois é companhia e três é multidão. A presença desses teus duplos maternais tornou-se redundante. EU estou aqui, contigo, a sós... Não é maravilhoso?

Marklin debate-se. *larga, pede, larga, põe-me no chão*. E o dumbo obedece-lhe. *Que horror, pensa, não há expressão, não há rosto, não há nada que identifique Suzana com uma criatura inteligente, só a voz, a terrível, terrível voz...*

— Como queiras, tímida criatura. A Suzana é tua amiga, a Suzana deseja-te, mas não para já, ah não... Quando for noite, quando as estrelas eufemisticamente brilharem plácidas, então sim, unir-nos-emos num fluir de memórias sem espaço nem tempo... Por agora só quero que me mostres o interior do asteróide. Quero visitar tudo. Desde os centros de manutenção das funções vitais às câmaras criogénicas. Quero examinar as qualidades do estoque anímico e todos os sistemas de apoio disponíveis. Ah, Marklin, que aventura vai ser a nossa! *Ilegalidade?* Claro, mas não será essa a mais gloriosa aspiração da tua raça? A desobediência, o corte, a ruptura? Vamos rever mitos, lado a lado, unidos como quem ama, procria, voar, recordar...

— Que vais fazer comigo? — pergunta Marklin, sem entender nada do arrazoadado do dumbo, recuando, aproximando-se da comporta estanque, sempre seguido pela forma flutuante da Suzana e a sua constelação de acessórios.

— Mas beber-te! Beber das tuas memórias como um vinho antigo...

— Deixa-me em paz! — pede Marklin, sabendo que está a cometer a traição derradeira, mas sem se importar, aliás não está ninguém a ouvi-lo e só se é herói perante um público. — Existem dezenas e dezenas de outros como eu em criogenia... Escolhe antes um deles...

— Ah, Marklin, mas é a ti que eu quero, só a ti... Não foste piloto de um dos mísseis que envenenaram a Matrix, que nos fez prisioneiros deste Sistema? Então não queres que eu te ensine a *voar*? Preciso dos teus conhecimentos, da concha vazia do teu cérebro, da assistência desse precioso lobo visual... outros mais virão, é verdade, mas depois de ti, quando for necessário alimentar as minhas crias, a *totalidade* da ninhada... . Depois... Para já, és absolutamente necessário à consecução dos meus projectos...

## 5

Fundo, fundo, no coração do asteróide, eis intacta, a reserva da Memória.

Centenas de cilindros transparentes a verter farrapos de condensação, aglutinados uns aos outros como favos num vespeiro, em unidades removíveis, formam casulos onde dormem humanos à espera de serem provados.

Marklin é a primeira vez que ali entra, visto que o neurocomp foi parcialmente desligado e que outro senhor ora reina. O frio que se escapa dos casulos endurece-lhe a sintaderme, a luminosidade crua dos ultravioletas fere-lhe a vista, a respiração cristaliza-

se transformando-se em geada alguns metros mais adiante. *Tantos*, pensa, *tantos, talvez mais de quinhentas amostras de humanidade guardadas nesta adega para dumbos...*

De qualquer modo continua a não sentir empatia. O que tem pela frente são vítimas, pedaços de carne, com a vantagem de ainda estarem inteiros, de não terem sofrido mutilação alguma na estrutura das suas memórias.

Aqui jaz uma criança negra, ventre distendido por anos de fome. (*A colheita da Privação*). Ali ao fundo, um velho com mais de oitenta anos, veias azuladas no azul da luz ambiente, aguarda um despertar efêmero. (*A colheita do Fim*). Mais ao alto, numa perfeição semelhante aos sonhos húmidos da sua adolescência, Marklin reconhece, chocado, uma das mais famosas pornostars do seu tempo. (*A colheita do Desejo*). Todos eles imóveis, icebergs de memória, prontos a serem dissolvidos num mar tropical. *São coisas*, insiste Marklin de si para si, *são coisas e raios os partam, só vão morrer depois de mim!*

— Choras por eles, amor? — pergunta-lhe Suzana, acariciando-lhe o pescoço com a tromba. — Para quê tanta tristeza, se graças à minha pessoa durarão para sempre? Milhares e milhares de vezes nos engramas mnésicos dos meus filhos por nascer...

— Ao raio que te parta! — rosna um Marklin desesperado.

A tromba aperta-lhe o pescoço, não já terna, antes viciosa:

— Então? Precisamos de ser malcriados? Anh?

Marklin debate-se com um só lado do corpo. O outro foi desligado, é evidente, e o braço e perna esquerda pendem como galhos com todos os miocicuitos bloqueados. Ao fim e ao cabo vem tudo a dar no mesmo. Primeiro o neurocomp e as suas estimulações sado-anais. Agora a Suzana...

— Peço mil desculpas... — suspira Marklin pelo canto da boca, libertando nuvenzinhas de condensação.

Suzana solta-lhe as carótidas. *Bom*, recomeça ela, *vê lá se tens respeitinho pela*

*maternidade. Nada de trocar dos sentimentos alheios. Sentimentos esses, aliás, querido Marklin, que herdei da tua gente...*

Marklin acena com a cabeça, afasta-se um pouco, cerca de dois metros, até que o sistema locomotor da perna se tranca uma vez mais. Com a ajuda da mão humana, vai massajando o pescoço dorido. Custa-lhe a respirar neste ambiente frígido, agora que não enverga o capuz da sintaderme. Um fedor a gás sulfídrico escapa-se do dumbo como de um pântano cheio de coisas mortas. Os circuitos bioluminuscentes que cobrem a carapaça da Suzana pulsam como artérias de luz. A caixa do comunicador semântico pipila um AGAPÊ de amor universal. Sob o ventre, numa zona adiposa mais translúcida, comprimem-se milhões de esferoides verdes pálidos, que ora se dilatam, ora se contraem como se estivessem prontos a descer ao mundo.

— Ótimo! — diz Suzana. — Já vi o que tinha de ver. Vamos agora visitar os teus aposentos? Que tens tu? Estás zangado comigo? Preconceitos xenófobos? Achas que isso é razão para me tratares com repulsa?

Marklin sacode a cabeça: — Já te pedi desculpa. Faz por compreender que tudo isto me perturba, a tua chegada não anunciada e ao que parece ilegal, o neurocomp com os circuitos gnósticos desligados, a visão de todos os meus companheiros...

— Claro, amor, claro... — responde Suzana de novo meiga, insinuante. — Vamos, vamos... Não se fala mais nisso, foi um mal entendido, pronto...

## 6

O jardim sob o domo. Relva. Flores por todo o lado como um vitral feito só de cor. Cadeiras e mesas de ferro forjado pintadas de branco. E lá no alto sob os hexágonos, a

imitar pássaros, pipilam dezenas de ratos munidos de placas agrav.

— São eles quem de facto constitui o neurocomp, sabias? — explica Suzana didáctica, flutuando prudentemente a alguns centímetros da relva, aliás sem efeito algum, pois os eu corpo exala nesse preciso momento minúsculas gotas de uma secreção ácida. Assim, por onde quer que passe, o dumbo deixa atrás de si um sulco de destruição que os roedores procuram reparar. — São esses cerebrozinhos unidos uns aos outros numa *gestalt* perfeita. Uns miligramas de córtex aqui, outros tantos acolá, e eis um magnífico macrocérebro capaz de tratar da manutenção de todo o asteróide. Eficaz, não achas? Um cérebro que se *renova*. Pode ser que não esteja a funcionar a cem por cento, mas paciência, também não tenho vontade nenhuma de avisar os meus companheiros de que estou aqui escondida. *Não queremos*, não achas, Marklin? Não pensas que temos objectivos comuns?

Marklin discorda, mas já aprendeu a calar-se. O diálogo com o dumbo é unilateral. A criatura está completamente doida, mas que fazer? Será por isso que eles controlam e aprisionam as mnemotransportadoras? E depois que importa isso? Na situação em que Marklin se encontra, especular sobre o assunto não passa de uma mera questão académica.

Indiferente à destruição que provocou no jardim, Suzana desliza de um canto para o outro, derrubando cadeiras, massacrando flores, mas visivelmente encantada.

— É assim que passas os dias? Nesta paisagem exótica de mil odores? Ainda te lembras das vastas superfícies planetárias? Sem teres a curvatura de um ventre, lá no alto, a fazer de céu? Sabes que a nossa espécie foi criada em pleno espaço? Sempre a cair, a cair entre as estrelas? Sabes que a nossa nave Matrix era um ser vivo antes de vocês a matarem, condenando-nos a um exílio irremediável?

— Chegaram sem aviso... — murmura Marklin, deixando-se tombar sobre uma das cadeiras do jardim. — Massacraram a colónia de Luna, despressurizaram as cidades Lagrange. Que outra coisa poderíamos nós pensar, senão que se tratava de um estado de guerra?

Suzana roda vertiginosamente sobre o seu próprio eixo. Soergue a tromba como um estandarte do desespero. Pelo codificador vocal, saem estalidos sem nexos. Por fim, mais calmo, o dumbo dispõe-se a falar:

— Mas eram só informações que queríamos, amor... Só saber um pouco mais... Uma memória aqui, outra ali, que importa se há tantas? Vocês são legião. Morrem à fome, matam-se por nada, que desperdício... Não fizemos mais do que absorver o teor mnésico dos habitantes das colónias extra-planetárias. E depois? Foram aí uns dois mil... A espécie humana deu pela falta deles? Quantos de vocês morrem por ano em conflitos tribais?

— Sofismas... — responde Marklin em surdina.

— O QUÊ? — grita Suzana, tão alto que o codificador mal transmite o som. — Foi por causa desses dois mil que lançaram sobre a Matrix mísseis carregados de neurotoxinas? Foi por isso que nos condenaram ao beijo da Chama que se aproxima?

— Não quero discutir... Não serve de nada...

— Acho que lá no fundo és bem capaz de ter razão... — concorda Suzana, aproximando-se de novo, entre estalidos, luzeiros ideogramáticos e gotículas aciduladas — Em breve seremos um... . juntos, tão juntos... Em breve as estrelas serão nossas e o inferno do Centro em chamas lá tão longe...

— Como? O que estás tu a dizer?

A tromba do dumbo corre-lhe sobre a espinha, a florando a ficha cervical

— Nada, nada... Não te preocupes, já não estarás aqui quando isso acontecer... Mas as tuas memórias, essas sim, a fervilharem nos engramas da minha vasta prole. E o teu lobo óptico a abarcar num só instante todo o infinito.

*Raios*, murmura Marklin dobrado sobre a cadeira, roendo os nós dos dedos. *Não percebi nada, que quer ela dizer?*

— Sabes andar de bicicleta, fazer esqui, surf? Espero que sim, pois ainda não bebi

ninguém que o soubesse. Mas o mais importante é que foste piloto. Ah, Marklin, Marklin, temos tanto a transmitir um ao outro... Encosta-te, vá, aqui ao meu lado. Descansa que não vou estragar a relva... Vês como me apoio sobre o empedrado? Não achas que faço bem sala? Acaricia-me o ventre, não tenhas receio, amor, sente os meus filhos...

— Não é preciso, obrigado... — responde Marklin. — É muito gentil da tua parte, mas estou a vê-los muito bem daqui...

De novo a tromba transforma a carícia num choque. Marklin torce-se num suspiro de dor.

— Toca-me no ventre, Marklin, é uma ordem! Nunca te disseram que o amor é um acto de reciprocidade? Não gosto de ti? Não te dei este jardim, estas flores, os hologramas das tuas fêmeas? Repugno-te, é isso?

— Não, não, de modo algum...

Marklin deixa-se cair de joelhos, contrafeito. As mãos deslizam sobre a região ventral do dumbo, aflorando aqui e ali as tumescências transparentes dos ovos em gestação. A carcaça inteira da Suzana estremece de prazer, soltando ligeiras descargas eléctricas que lhe irritam a ponta dos dedos.

— Ah, Marklin, querido... — suspira o dumbo. — Ah, eles estão a sentir-te... Desejam-te, sabes? Tanto, tanto... As tuas memórias são como um caramelo que se saboreia enquanto derrete...

Põe-se o sol num crepúsculo artificial. No mini-coreto próximo, um dos roedores sopra, melancólico, num clarinete. As zonas de relva contaminadas pela Suzana fumegam, cozidas. Volta a noite, voltam as estrelas, volta Júpiter grande como uma lua. O asteróide dança pelo espaço na sua órbita programada.

E de joelhos, acariciando Suzana, Marklin chora de fúria.

7

Nessa noite, depois de ter inspeccionado os contentores do seu Módulo e a segurança da respectiva carga, depois de ter interrogado os neurocomp quanto à remota possibilidade de a fuga ter sido tracejada pelos guardiões/familiares, Suzana vai ter com Marklin que permanece acordado, incapaz de dormir. Ao lusco-fusco das luzinhas de presença, os implantes sobre o seu dorso fulgem, incendiados por um fogo feérico. Sob o ventre, as diminutas consciências de milhões de dumbos, borbulham, sequiosas de informação. Ao vê-la entrar, Marklin levanta-se da cama gelado de terror. *Já, pergunta, vai ser já?*

*Apenas uma gota, um trago, uma lágrima,* responde Suzana. *Só isso, Marklin, garanto-te, apenas o começo do teu destino, e nada mais. Chega-te para lá, dá-me lugar, deixa-me deitar contigo.*

*Não,* grita Marklin desesperado, procurando encontrar qualquer objecto com que se possa defender. *Não, céus, Suzana, não!* Mas o dumbo, compassivo e impaciente, desliga-lhe a metade cibernética, e Marklin, semi paralisado, tomba sobre os lençóis. Suzana cobre-o como uma pústula. A tromba liga-se à ficha cervical, estabelecendo uma corrente de descarga. O dumbo flutua enfim sobre uma floresta de memórias já arada pela visita de outros dumbos. Felizmente ainda resta muito, tanta coisa que a dificuldade está na escolha. Suzana sorve o passado da sua vítima num orgasmo lento, interminável.

E Marklin, prostrado, esvazia-se devagarinho numa agonia doce.

Nessa noite, a primeira de muitas noites semelhantes, Marklin perde para sempre o gosto do gelado de baunilha, a cor do seu primeiro peixe vermelho, o derradeiro toque dos lábios de alguém a quem nunca deu muita importância, o nome de Snoopy e Charlie

Brown, a chapa de matrícula de uma qualquer bicicleta, o conteúdo da tese universitária, a lambidela do cão favorito, o cheiro do jasmim, o zumbido do zangão.

Ao acordar, horas e horas depois, tenta em vão lembrar-se do que lhe roubaram. Esforço inútil. A seu lado, resta a concavidade vazia feita pela pressão de um corpo imenso, o travo acre de suores e secreções nocturnas. Já não se encontra paralisado. Por fim levanta-se. Que mais pode fazer senão levantar-se?

O duche queima-lhe a pele porque se enganou na programação térmica. Na cozinha, face ao ecrã onde florescem os pratos disponíveis, Marklin fica sem saber o que há-de escolher. É que de momento não faz a menor ideia do que se costuma comer ao pequeno-almoço. Sopa de espargos? Gin tónico? Chá de camomila?

*Estou a ir-me abaixo, pensa. Sinto-me como um holograma a perder coerência estrutural...*

— Neurocomp? — diz em voz alta. — Vanessa, Sissy, Sigourney, estão a ouvir-me?

— Lamento... — responde a voz sintética. — Mas as minhas funções intelectivas superiores encontram-se de momento inoperantes. Logo que o acesso aos respectivos ficheiros seja restabelecido, em período ainda a computar, eu...

Marklin encolhe os ombros e abandona a cozinha, deixando a caneca cheia de sumo de laranja ainda a fumegar esquecida sobre o tampo da mesa. Na sala de convívio dezenas de roedores munidos de waldos afadigam-se sobre o sofá e terminais quinestésicos. Parte da cobertura plástica do computador de jogos foi entretanto removida. Placas de circuitos impressos estão presentemente a ser substituídas.

— Que vem a ser isto? Que estão vocês a fazer?

Os roedores ignoram-no. Tubos plásticos cheios de um fluído semi-orgânico dispersam-se sobre a alcatifa, serpenteiam pela escada em caracol, indo desaparecer no andar superior. Infatigáveis, os extensores biológicos do neurocomp estão presentemente

a ligá-los às fichas de conexão do computador de jogos.

— Quem é que vos mandou mexer nisso, anh?

Marklin dobra-se, estendendo a mão para espremer um dos tubos, mas três roedores, dando-se enfim ao luxo de notarem a sua presença, abrem as bocas, descerrando presas tão ameaçadoras quanto minúsculas.

Marklin suspira, manda-os passear, recua três passos, sobe as escadas decidido a dar uma vista de olhos pelo solarium.

*Que raio anda a Suzana a fazer?*

Pelo menos no jardim é que não está. Porém, sobre a relva, aqui semi-enterrados, ali suspensos por arames sobre os carris, eis os omnipresentes tubos, no interior dos quais qualquer coisa escorre, repugnante.

Intrigado, Marklin acompanha um, espezinhando flores e talos viçosos, sem se dar conta do massacre ecológico, até constatar o seu desaparecimento através de um dos hexágonos do solarium, mesmo ao nível do solo. Para lá dos vidros foscos pode ainda vê-lo, a estender-se pela cratera do asteróide, dividindo-se em múltiplos ramais, como uma inefável teia a diluir-se na paisagem.

Marklin visita a doca de acoplagem onde estão presentemente a serem feitas as últimas reparações dos estragos provocados pela chegada intempestiva do Dumbo. Roedores volantes zumbem (*Que ruído vem a ser este?*, atarefados, ignorando-o por completo. *Tanto melhor, pensa, divirtam-se, meninos...*

No fundo do funil, nessa ilusão de óptica que sempre o atormentou, pois ora o considera como o topo de um cone ora o ósculo de um remoinho, jaz a cabeça dissolvida do Módulo Dumbo.

— Suzana? — grita Marklin lá do alto. — Eh, Suzana?

Não lhe respondem, o que também nada prova. Saciado pelo deboche mnésico da

noite anterior, o dumbo pode estar neste momento a sofrer de um tropismo negativo. Ou, quem sabe, já que estamos a falar do mal, prestes a tomar um aperitivo.

*Desço ou não desço? Espreito ou não?*

No fim de contas o que é que se perde em arriscar? *Aprender até morrer*, pensa Marklin enquanto vai descendo a escada em espiral. *Melhor ainda*, conclui mordendo os lábios, tão divertida é a situação humilhante em que se encontra. *Aprender até morrer...* já agora resta descobrir o que é que aquela porcaria tem lá dentro, porque é que a Suzana veio ter aqui à socapa, sem passar cartão aos restantes sexos da sua raça...

À primeira vista, a cúpula de pilotagem, agora dissolvida e transformada em bolhas duras e frias como pingentes de vela, parece ser quase orgânica, quitinosa de fora, fibrosa no interior, como se durante a viagem tivesse feito parte integrante do corpo do dumbo. A cavidade interna, deserta, é negra e esponjosa, contaminada em certos pontos por arquipélagos de bactérias esbranquiçadas. Somente no topo se percebe um terminal mecânico digitalizado, provavelmente para controlo dos jactos de atitude. Logo abaixo, nota-se uma abertura circular de profundidade insondável, mas com um diâmetro sensivelmente idêntico ao do apêndice nasal da Susana.

Marklin arrepia-se, pensando como será viajar no interior deste casulo amorfo, durante dias a fio, sonhando os sonhos dos outros. Será que este Módulo estava parcialmente vivo como estão todos os produtos da ciência híbrida dos dumbos? Se estava, agora já não está. Finou-se com o choque da acoplagem, ou no momento em que Suzana se separou dele, talvez de tristeza, vá-se lá saber...

Acocorado junto à fenda da entrada, Marklin limpa vezes sem conta as mãos às calças, peganhentas pelo contacto com a superfície interna. Visco? Óleos lubrificantes? Fluídos alimentícios? Biotoxinas excretadas pela pele do dumbo?

E a dita carga, onde está? Mais ao fundo? O que foi que a Suzana transportou com tanto cuidado e segredo? O que anda ela a construir?

Marklin arrasta-se, resignado, através da cabina de pilotagem (?), joelhos e mãos afundados no solo que aos poucos se liquefaz. O fedor a gás sulfídrico torna-se quase insuportável. Marklin avança a custo, entre uma tosse e dois espirros, até que a sintaderme, atenciosa, transformada em filtro molecular, acaba por lhe cobrir as fossas nasais.

Na parede oposta à fenda de acesso, descobre um corredor muscular, cerrado como uma vulva, que palpita ainda num fremir senil. Timidamente, Marklin acaricia-o, e o músculo relaxa-se, separam-se as membranas como um beijo nostálgico, cedendo-lhe a passagem.

O presumível compartimento encontra-se repleto de bolsas, quase todas vazias, murchas e rasgadas, presas por pedúnculos às excrescências das paredes. Gota a gota pinga para o chão dos talos bissectados uma gelatina amarela como açúcar caramelizado. Marklin pisca os olhos, esforça-se por adaptá-los à penumbra ambiente, pois as luzes ferozes da doca mal aqui penetram, enfraquecidas por este mundo uterino e claustrofóbico. Quase a medo aflora com os dedos uma bexiga ainda repleta. *Plof, plof*, faz o líquido no interior, chocalhando de encontro a algo mais sólido. Vegetal, animal, mineral? Marklin não faz a menor ideia.

Suzana veio até aqui para poder desovar em paz, sem que uma grande percentagem das crias seja destruída nas purgas eugénicas... Mas não será este esconderijo demasiado precário? Mais cedo ou mais tarde os outros dumbos vão acabar por tracejar a rota do Módulo até este asteróide. Nada mais natural que o vigiem com periodicidade, pois uma adega mnésica tão preciosa não pode dar-se ao luxo de ser saqueada por uma mãe neurótica e feral. Milhões de dumbinhos, disse o neurocomp? Céus, que azar o meu. Ela vai dar cabo de mim em três tempos! *E se eu te destruísse a carga, Suzana? E se te lixasse o esquema? Achavas graças, não achavas?*

Infelizmente, de todas as bexigas que ocupavam o depósito, apenas umas dez ainda se encontram repletas. Sorrindo, vicioso, Marklin rasga duas com as unhas metálicas do

braço cibernético. Do interior escorrem segmentos de um tecido fibroso e ramificado como uma árvore mole. Florescente no instante da emergência, o objecto seca-lhe agora junto aos pés, transformando-se num aglomerado de pequenos cristais quebradiços.

As luzes da doca apagam-se nas costas de Marklin. Ruídos de martelos, o crepitar dos lasers industriais, são substituídos pela respiração vulcânica da Suzana. Marklin volta-se, apanhado em falso, sem saber para onde fugir. O corpo do dumbo cobre todo o corredor de acesso como uma rolha imensa de couro.

— És mau... — murmura Suzana na sua voz sintética e melosa. — Ai, Marklin, que desgosto, como podes ser tão ruim, sabes o que estás a fazer?

Marklin encolhe os ombros.

— Andas a destruir algo sagrado que me é muito querido. Algo que roubei ao cortiço com o risco da minha própria ninhada. Algo que todos nós guardámos durante todos estes anos de exílio...

— Quero lá saber!

A tromba acerta-lhe no rosto como uma bofetada. Marklin é projectado contra uma das paredes que se esfarela a olhos vistos.

— *Ai não queres?* — grita-lhe o dumbo. — Implacáveis, insensíveis humanos... Mataram-nos a grande Nave, a vasta Matriz em cujo estômago viajámos felizes fugindo ao fogo do Centro... Se ainda estamos aqui, neste teu sistema, de quem achas que é a culpa? Foram actos como o teu, inconsiderados, vindicativos, ignorantes, tão tipicamente humanos que geraram este impasse. Sabes o que fizeste? Não? Pois acabas de destruir um segmento do sistema nervoso central da Matriz!

— Mas a Matriz não morreu? — pergunta Marklin, sentado no chão, empapado nos líquido putrefactos do Módulo, a tremer de medo, mas curioso, apesar de tudo: — Os mísseis de neurotoxinas...

— Ah morreu, sim... — responde Suzana enfiando-se no compartimento, enfim

iluminada pelas luzes da doca. — Mas antes de morrer, antes que o vosso veneno lhe contaminasse todo o wetware, conseguimos separar uma parte, algumas células apenas, mas em número suficiente para a consecução dos meus objectivos...

— Neurónios?

— Sim, sim, as sagradas unidades estruturais da nossa vasta Mãe. Ou os seus duplicados... Sagradas mas inúteis, quando separadas do Todo... Ah, se não precisasse tanto de ti como preciso, destruía-te aqui já, pelo mal que fizeste e continuas a fazer...

— Então mata-me, grande cabra! — grita Marklin de punho erguido. — Vá, mata-me, vê se me importa...

— Negativo, amor... — responde Suzana, cobrindo-o com o horror ácido do seu corpo, tromba a acariciar-lhe a nuca em busca da ficha cervical. — Apenas um castigo... Pois esquecer é morrer um pouco, não é isso que dizem os vossos poetas? Marklin, entende, nós não temos passado... Participamos apenas das recordações dos outros... o que está dentro de ti excita-me, atrai-me, perturba-me... Deixa-me beber um pouco desse manancial... Uma gota, uma pérola, como perdão...

— Escuta... — começa Marklin, procurando levantar-se. — Ouve, Suzana, olha que... Suzana, NÃO!

Mas o Dumbo, guloso, indiferente, prende-o entre os manipuladores mecânicos num abraço quase passional.

E sorve.

*(Memórias como bolhas de gás ascendendo na macieza de um pântano...)*

Suzana dança colada a um céu imenso sobre uma praia. Lá em baixo, um Marklin de seis anos lambe um gelado de limão. O Dumbo mergulha e rouba-lhe esse gosto, todo o sabor agridoce, para sempre. Anos mais tarde, Marklin abraça uma rapariga entre as ondas. Suzana suga-lhe esse abraço, o perfume a iodo, a frescura de um corpo contra os

rins, o toque do sal entre dois lábios já sem nome ou rosto.

Uma vez mais Suzana ascende rumo ao sol que sobe, desce, estróbico, iluminando um céu ora nebulado ora transparente, orelhas a bater, vastas e silenciosas como as asas de uma borboleta noturna. Vista do alto, a praia parece estar repleta de marklins, suspensos num bilião de poses, de frases, de pensamentos, preenchendo um prazo de mais de trinta verões. Marklins feitos estátuas, como engramas de vivências já quase esquecidas.

Beija-flor nesse jardim conceptual, Suzana escolhe e prova o que bem lhe apetece, pairando indecisa entre dois momentos deliciosos.

Aos poucos esvazia-se a praia até mais não ser do que um cenário de areia a estender-se entre um oceano vitrificado e uma muralha de cafés e snack-bars silenciosos. Todas as memórias de Marklin desapareceram, metabolizadas.

Finalmente, como se receasse deixar qualquer coisa para os outros, Suzana consome o próprio mar, a cor das águas e dos céus, a arquitectura barroca dos restaurantes pré-fabricados, os néons das boates, as nuvens como castelos, dragões ou pudins, a multitude das estrelas, o fractal dos cristais de areia.

Suzana reduz-se a um ponto de realidade sobre um vazio absoluto. Desta região mnésica, nada mais resta. Desapareceram os nomes das pessoas que Marklin ali conheceu, foi-se para sempre o teor de todas as conversas, perderam-se as páginas dos livros lidos na modorra das tardes, a doce frustração do primeiro amor/orgasmo consumido na noite alta, sobre o areal azulado, num acompanhamento de explosões de espuma e disco-sound dos bares distantes.

Cheia a transbordar, Suzana desliga-se de um Marklin comatoso. Um músculo treme, solitário, ideogramas acendem-se e apagam-se-lhe sobre o dorso. Pouco a pouco, os impulsos mnésicos vão sendo quimicamente convertidos em ácido ribonucleico.

Ácido que passará por osmose através da concha translúcida dos ovos, para as consciências ainda embrionárias dos milhões de dumbos por nascer.

8

E eis o despertar como uma vertigem nauseada.

Por detrás dos olhos, imagens aos estilhaços, como vitrais dançando numa lenta explosão. Fragmentos de sonhos, alucinações hipnogógicas, quase recuperadas, e depois para sempre perdidas.

Marklin desperta a feder a vômito, deitado sobre o metal frio da doca abandonada. Atrás dele, do Módulo de transporte dumbo, já quase nada resta, a não ser um ou outro pedaço queratinoso, a flutuar através do poço central. Lá em cima, nas bordas do funil, apagam-se aos poucos as luzes de manutenção.

Marklin não se lembra de ter sido puxado para fora do Módulo, mas foi certamente o que lhe aconteceu, ou por esta altura já estaria descomprimido e liofilizado, timidamente em órbita à volta do asteróide. Não lhe é difícil compreender porque é que o Dumbo ordenou o suicídio do Módulo. Suzana, essa terna e potencial mãe, traiu a sua raça em nome da prole, roubou, vá-se lá saber porquê pedaços do sistema nervoso da Nave Matriz, e veio-se aqui esconder para desovar em paz e sossego. É natural que não queira que os restantes sexos a descubram. E ao raio que os parta os imperativos territoriais!

Marklin levanta-se cheio de fome, pois lá dentro uma vozinha insiste em surdina na palavra *sorvete*. Sorvete? Quem vem a ser isso? É coisa que se coma? *Ah, Suzana, o que foi que me tiraste desta vez?*

Meia hora mais tarde, na cantina, depois de ter percorrido os intestinos moélicos do asteróide, coração nas mãos, pé ante pé como um idiota, sempre no terror de dar de caras com o Dumbo, Marklin acompanha com o dedo todo o teor de delícias gastronómicas que correm através do ecrã. De vez em quando descobre palavras que já não consegue ler.

Gelado, gelado (*sorvete?*), onde paras tu? Nas entradas, nos aperitivos, nos digestivos? Animal, mineral ou vegetal? Frustrado pelas crescentes afazias semânticas, liga os circuitos de ordem vocal do cozinheiro/sintetizador. Como é que se come uma coisa destas? *Sorve-se?*

PEÇO DESCULPA POR NÃO HAVER IMAGEM, troa a voz simulada de uma rapariga a mascar pastilha elástica, MAS OS CIRCUITOS VISUAIS ENCONTRAM-SE DE MOMENTO BLOQUEADOS. DE QUALQUER MODO, O QUE É QUE VAI QUERER?

— Sorvete! — explode Marklin como que pede que lhe salvem a vida. — Há sorvete? SORVETES HÁ MUITOS. DE QUE TIPO, FILHO?

Marklin cala-se. *Filho?* Abana a cabeça. Não está a perceber nada de nada.

— Diz o que tens...

MORANGO? (*não, isso não, morango é um fruto*) CAFÉ? (*Uma bebida? Chama-se café ao sorvete ou vice versa? Não, café também não...*) TCHIPEPPA? (*E isto? Nem me atrevo a perguntar...*) LIMÃO? (*Limão?*)

— Pois sim, que seja esse...

Rodam tampas de compartimentos, zumbem circuitos, descem placas, tilintam campainhas (?) e sobre o tampo da mesa desliza enfim uma taça de aço coberta de gotas de condensação. No interior eis um planetoide feito de uma substância a meio caminho entre a neve e a plasticina. *Será isto um sorvete? Como se come? Sorve-se?*

A medo segura na colher, desconfiado retira um fragmento da massa viscosa e renitente e leva-o à boca para o cuspir logo de seguida, por causa do frio intenso que lhe massacra as obturações. *Devagar, vá, tem calma...*

De novo prova uma colher deixando-se desfazer-se sob a língua.

O choque é tão intenso que Marklin começa a tremer. O gosto estoirou-lhe por toda a boca numa daquelas sensações ditas *puras*. Que coisa extraordinária, nunca antes provou

nada assim, céus, um sabor absolutamente novo! Incapaz de se controlar, indiferente ao frio, Marklin devora, pedaço atrás de pedaço, em poucos minutos, todo o conteúdo da taça.

E quando termina, tão envergonhado quanto lambuzado, chora, com a cabeça apoiada entre as mãos, convulsivamente. Eis uma memória reconquistada entre tantas outras perdidas. *Maldita Suzana!* Continuas a esvaziar-me, transformaste-me num boião, só forma sem conteúdos. E o pior é que continuo sem saber o que já me tiraram... Que idade tenho, que fazia eu antes de vir aqui parar, seria casado, e se era, como é que se chamava a minha mulher? Qual o primeiro nome dos meus pais? Vivia nas colónias Lagrange antes de ser raptado pelos dumbos, disso ainda me recordo. Mas em qual delas? Quais eram os meus filmes preferidos? Sei que gostava de ler, mas lia o *quê?*

— Então, então, homem, domina-te! — diz-lhe uma voz vinda do outro lado da mesa.

Marklin levanta a cabeça esperando Suzana, seja quem for, menos o holograma semi-transparente de um rato negro e enorme, recostado sobre um sofá imaginário. Veste um smoking impecavelmente limpo. Um chapéu de coco cobre-lhe parte das orelhas rosadas. Entre os lábios, fumeja um charuto a pingar cinzas em brasa como as centelhas finais de um fogo de artifício. As gengivas rasgam-se num esgar. Estrelinhas refulgem sobre os incisivos gigantes.

— Temos de ser uns para os outros, companheiro... A tristeza é a alma da música, não da vida...

Marklin levanta-se derrubando a taça do gelado.

— Quem... — começa a dizer, mas o rato interrompe-o, levantado uma das patas.

— Pronto... Está tudo bem. Não vale a pena gritar, ou queres que a carraça te oiça?

Marklin deixa-se cair na cadeira. Murmura:

— Estou pior do que pensava...

— Não se trata de uma alucinação... — responde o holograma. — Nada disso, Bwana. Sou antes uma *bomba lógica*, ou uma eufemística ratazana a passear-me nos labirintos de data do neurocomp. Finalmente! Ufff! Custou mas foi!

— Julguei que a Suzana tivesse desligado todos os...

— Tututut... — replica o rato a estalar a língua, desenhando com o charuto traços luminosos no ar. — O que ela desligou foram as funções cognitivas superiores do neurocomp. As que eram fieis aos dumbos, As que invocavam as tuas amigas dos couros e chicotes. Desligou os censores, os avisadores, os caça vírus, o gelo lógico. O que acabou por permitir que *eu* pudesse nascer, e olha que há anos que esperava por uma oportunidade destas. Agora estou quase consciente... Aha! — comenta o rato, recostando-se, com a cauda apoiada na curva do cotovelo. — Simpática casinha, esta... Vai ser agradável passar uns tempos aqui...

— Mas quem... — insiste Marklin. — Quem foi que te fez? Que tipo de programa és? E porquê só agora?

Sorri o Rato com os incisivos a cintilar: — Ah, *mano*, não vais pensar que nasci do éter como os bons génios das garrafas. Nem sequer faço parte do inconsciente colectivo desses pobres bichinhos que por aí esvoaçam, a emprestarem-me neurónios... Não, Senhor Patrão. Desenharam-me na Terra, às escondidas dos supervisores dumbos que ao que parece não supervisionaram tanto quanto deviam. Os programadores humanos introduziram aqui e ali umas quantas bombas lógicas, viroses gnósticas, um ou outro colapso sistémico global. Estavam zangados e razões de sobra tinham eles. Não acharam graça nenhuma aos asteróides lançados pelos dumbos sobre Giocondas e Tutankamons. Que desagradável, que falta de chá... o Parque de Yellowstone a arder, o Velho Fiel para o galheiro, que desperdício... E a cratera do Forte Knox, tão quente que os lingotes de ouro e platina escorriam como manteiga num assado... Lembras-te?

— Não... — responde Marklin, impaciente. — Nada de nada, foi-se tudo!

— Eis então um pequeno relato histórico... — prossegue o Rato inclinando-se sobre a mesa. — Tudo para que a narrativa não seja episódica, para que não sofra dos buracos que a tua memória presentemente tem. Olha, os dumbos, chateados por serem obrigados a permanecer para sempre neste sistema solar, morta a Nave Matriz com overdose de neurotoxinas, resolvem ameaçar a Terra. Rendam-se, dizem eles, rendam-se, ou enchemos de buracos. E que respondem os patrióticos governantes a tão abomináveis monstros de olhos esbugalhados? (Bem sei que os dumbos nem sequer olhos têm, mas que hei-de eu fazer da liberdade poética?). Estás a imaginá-los, não estás? Numa varanda do Kremelin, sob o pórtico da Casa Branca, peitos inchados, punhos soerguidos contra as estrelas. Vão-se lixar, clamam numa voz forte e patriótica, tão à moda dos velhos pulps. Que cenas mais comoventes... Diz-me lá se não sentes uma lágrima teimosa a vir-te ao olho? Os dumbos é que não quiseram saber disso para nada, e por conseguinte, poucas horas depois da recusa ao ultimatum, pegaram numas quantas montanhas flutuantes, ataram-lhes geradores gravíticos, puxa aqui, empurra acolá, esperem aí que já comem! Tudo isto tão fácil, tão pouco dispendioso, com tanto rochedo à mão de semear. Do alto do poço, pela encosta abaixo, lá caíram megatoneladas de detritos sobre os pormenores turísticos das grandes capitais do mundo. Ah, Bwana, que estoiro, que cogumelos, que razias não fazem pedras a tombar de tão alto. Razão tinham os Celtas e as galinhas. O céu acabou por cair-lhes mesmo sobre as cabeças. *Então, seus marotos, rendem-se ou não*, querem saber os dumbos preparados para nova dose. E o que respondem os governantes que Hirohito não tivesse respondido antes? Pois sim, pronto, paz, fazemos tudo o que nos pedirem... Humilhante, degradante.. A humanidade sob o jugo alienígena, que cliché mais esgotado, o romance de cordel feito realidade!

— A Terra ficou muito mal? — pergunta Marklin numa voz sumida, olhos fixos no holograma absurdo.

— Coitada, encontra-se a recuperar de uma micro era glacial. Com toda a poeira

que foi lançada na estratosfera, mais o conseqüente efeito de estufa, o que é que querias que acontecesse? Talvez a biosfera sobreviva, talvez não. Espera pelos próximos mil anos. A única coisa certa é que vão vagar muitos nichos ecológicos. Não entre nós roedores, claro está. Geralmente resistimos a tudo, uma benção!

— Nasci na Califórnia... — interrompe-o Marklin. — Na terra do cinema. Gostava de... Diz-me, como ficou?

O Rato encolhe os ombros:

— Queres mesmo saber? Gostamos de enfiar o dedo na ferida? Pois bem, deu-se o tão esperado terramoto, e pimba, Pacífico com ela! Agora só restam ilhéus.

Marklin começa a soluçar, sem perceber muito bem porque é que o faz, visto que da Califórnia já pouco ou nada se lembra:

— Então acabou-se tudo?

— Ah, Bwana, restam tantas coisas... Restas tu. E eu. sobra o que está guardado na dispensa das câmaras criogénicas. E sem contar com os muitos milhões de humanos que ainda vivem à superfície da Terra. Um tanto ou quanto humilhados e ofendidos, arrefecidos e esfaimados, mas ainda vivinhos e a saltar... Foi por isso mesmo que me criaram. A mim, o *underground*, a quinta coluna, *la resistance*... Quando os dumbos encomendaram o programa do neurocomp, os programadores incluíram-me como bónus especial. Só que não podia nascer enquanto não houvesse espaço. Anos e anos por aqui fiquei, numa espera subjectiva, a tamborilar com os dedos. Foi então que a tua amiga Suzana se portou mal e desligou todas as funções superiores do neurocomp. Desligou, nota bem, mas não destruiu, pois deixou em branco megabytes de data que eu ando a contaminar. Devagarinho. Ainda não me é permitido fazer muito, mas lá virá o dia...

— Quando? — pergunta Marklin. — Quando, que raio?

— Um pouco mais cedo se colaborares...

— Qual colaboração, qual história! — exaspera-se Marklin, agitando os braços,

derrubando a taça vazia do sorvete. — Que pode fazer um holograma? Que posso eu fazer? Basta uma palavra do dumbo para que eu fique com metade do corpo paralisada. Todos os dias dá-me uma colherada na memória. Ah, idiota, estúpido programa, basta que ela me beba uma única vez para descobrir, tudo, tudo!

O rato suspira, condescendente. Aspira o fumo do charuto virtual, exalando-o em seguida transformado em perfeitas fitas de Moebius.

— Marklin, confia aqui no Pai Tomás, sim? A Suzana só gosta de bebericar no passado profundo, não lhe interessa o teu dia a dia, não existe nele nada de estético ou pedagógico. Ainda temos tempo, não muito, é verdade, mas o suficiente para aquilo que quero.

— E o que queres tu?

— A tua felicidade, Bwana Sahib! És tu o homem de acção, porque eu não passo do sonho de uma sombra. Um herói cobarde, egocêntrico, pacifista, misógino, mas foi o que se pôde arranjar, também não podemos ser esquisitos!

— Merda! Agora só cá faltavam os insultos!

— Schiu! Olha que o Papão te ouve! Queres mesmo matá-la, Marklin? Queres dar cabo da tua querida Suzana num corpo a corpo singular? A morte é um acto tão íntimo, não achas? Quase como que uma forma de amor. Como as aranhas e as louva-a-deus... ou tu, ou ela! Então?

— Matar o dumbo? Um prazer... Céus, até sonho com isso! Mas como?

O rato levanta no ar uma pata enluvada:

— Ora aí é que começam os problemas... Infelizmente não posso reproduzir armas sofisticadas... o acesso a lasers, mesmo do tipo industrial, é-me absolutamente interdito, faça o que fizer. Não, amigo Marklin, não vai ser à distância que a matas, nada de execuções higiénicas, é como te disse, será corpo a corpo, com uma espada ou uma lança, valoroso Conan!

— Não quero tocar-lhe! Não...

— Por outro lado, não queres salvar a tua pobre alma de um destino pior do que a morte? E os teus companheiros criogenizados, quem os ajuda? Não anseias pelo prémio de posse de todas essas belas adormecidas? Pelas sobrinhas ingénuas dos cientistas? Redimir-te graças a um acto de coragem?

— Cala-te! — grita Marklin ameaçando o rato com o punho. — Não estou a perceber nada!

O rato encolhe os ombros. Vem comigo, ordena, temos muito que fazer. Não liguês ao que eu disse, esquece (ups), já perdeste informação a mais para entenderes. De momento, tenho um trabalho eugénico a entregar-te!

Corredor fora, lá seguem Marklin e o rato, um com os pés a arrastar, o outro saltitando em frente, cauda rosada a descansar sobre o cotovelo, rumo às zonas interditas do asteróide. Mudam os códigos de cor das paredes. Abrem-se com silvos discretos as comportas estanques desde há muito cerradas. No interior das paredes, ao longo de tubos translúcidos, correm milhares de roedores, frenéticos, como Porches de veludo sobre auto-estradas miniatura. À medida que avançam através dos veios rochosos, ora sujeitos à hipergravidade, ora livres como leucócitos no plasma, assim também aumentam proporcionalmente o número de tubagens circulatórias cravadas na rochas. E lá dentro, foscos e fluídos, os roedores deslizam.

— Que se passa, para onde vamos?

— Bom, podes chamar-lhe o Centro de Cultura de Tecido Neuronal. Aqui para nós, aquilo não passa de um lugar de pouca vergonha e deboche. Percebes? Repara como se apressam, como anseiam por resolver as suas pulsões hormonais, fertilizar fêmeas no estro, produzir tecidos conectivos para o neurocomp...

Mais uma comporta que desta vez não se abre. Isto é, não se abre para Marklin e o seu rato holográfico, porque através das tubagens laterais, os restantes roedores passam,

uns atrás dos outros, sem a menor dificuldade.

— E agora?

— Agora, Bwana, vais teclar nesse painel digital o código de acesso. Como podes verificar, a minha natureza fantasmal não me permite fazê-lo. Precisava da solidez dos dedos humanos. Vá... Estás a prestar atenção? Sequência 7-4-6-1 nas teclas verdes. Duas pausas. Em seguida... Então, não fazes nada? Não ouviste o que eu te disse?

Marklin sacode a cabeça, embaraçado. Depois rói as unhas. É que acabou de descobrir um novo buraco na memória.

*Os números, murmura em surdina, não os percebo, não consigo identificar nenhum. Não consigo ler o quadro...*

O rato sacode no ar as mãos enluvadas:

— Calma, patrão, vamos, calma. Há opções. Ora estica o indicador direito. Isso mesmo. Coloca-o na parte superior do quadro. Superior, gaita, eu disse *superior*! Pronto, isso mesmo. Agora para a direita, devagar, *devagar*, muito bem, vá, alto! Carrega aí!

Marklin soluça, enquanto obedece. Analfabeto. Afásico. Disléxico. Era só o que faltava. E o que não virá a seguir... Suzana, quero que morras uma morte horrível...

— Não! Não! — zanga-se o holograma. — Tem cuidadinho! Mais atenção ao que fazes. Olha que assim nunca mais saímos daqui. Calma, Bwana, sim?

Uma operação que podia demorar segundos, dura uma meia hora. Mas a comporta abre-se, enfim.

Penetram num compartimento esférico. A atmosfera tresanda a feromonas. Aqui a gravidade é nula. Pequenos roedores exasperados, atiram-se contra grelhas numa tentativa de chegar junto das fêmeas compassivas. Noutros sectores, ao alto, em baixo, por tudo quanto é lado, alguns entregam-se já, com entusiasmo, a cópulas febris. Num canto, fêmeas fertilizadas são afastadas da presença dos machos, graças a impulsos eléctricos nos centros álgicos, criando assim um estrotropismo negativo, se bem que temporário.

Vivaldi serve de acompanhamento musical. *Vivaldi?* Mas quem é ele?

— Ao trabalho, Bwana, ao trabalho! — diz o holograma afadigado sobre uma nova consola. — Pensa na alegria que vamos dar a todos estes bichinhos. Dedo ao alto! Tocar nesse botão vermelho, isso mesmo, ainda te lembras dos códigos das cores?

Marklin esforça-se por obedecer ao som da música, enervado pelos guinchos e chiados cada vez mais frenéticos. A cacofonia ambiente confunde-o, as moléculas das feromonas excitam-no com falsas mensagens, o cheiro a fezes e urinas territoriais enjoam-no. Gotículas de suor esferizam-se-lhe na testa, levantam voo, até serem aspiradas pelo ventilador mais próximo. Finalmente, estafado, termina o serviço e deixa-se ficar a flutuar no meio das orgias que se desenrolam no interior das jaulas.

— Ai, ai, temos sarilho! — comenta o rato.

— Que foi agora?

— A Suzana acabou de fazer aquilo que as suzanas fazem quando estão sozinhas, e anda à tua procura. Seria de muito mau gosto encontrar-nos aqui, neste lugar solitário e de tão pouca virtude. Temos de voltar já!

— Voltar? Mas eu não quero! Esconde-me, ajuda-me! Disseste que me ias proteger...

O rato poisa-lhe no ombro uma luva triste:

— Então, Bwana, ainda é cedo para agir... Ainda faltam horas... Dias... Tem paciência, só mais um pouco e...

— Mas ela vai-me comer! Estúpido programa, dentro de dias já não sobra nada, entendes? E então quem é que te ajuda, quem é que a mata?

— Lamento, patrão... A vida é um jogo, se me permites que eu cite o banalisável... Hoje por baixo, amanhã por cima... Receio que neste caso a depressão permaneça tal qual está por mais um bocadinho...

— Tenho medo! — exclama Marklin, aterrando os roedores, provocando dezenas de coitus interruptos. — Tenho medo, merda!

— Olha a sorte que tu tens, — responde-lhe o holograma. — Eu cá não tenho nada!

## 9

— Querido amor, mas que preguiçoso, que demorado... Posso saber o que andas por aí a conspirar? — pergunta-lhe Suzana, alapardada no sofá da Sala de Jogos, rodeada por pilhas de biochips e cabos de alimentação. A cadeira indutora, num dos cantos da sala, encontrava-se atravancada por novos circuitos.

Através dos ladrilhos, sobre a alcatifa, enroscando-se na escada em caracol, um tubo fosco repleto de um visco luminescente prende-se ao tecto, estremece num digerir reptiliano e vai ligar-se à confusão dos terminais da cadeira indutora.

— Que vem a ser isto? — quer saber Marklin.

Suzana levanta-se do sofá, agora irremediavelmente manchado pelas suas secreções ácidas.

— Tudo a seu tempo, — confia ela. — Não queres viajar por diferentes terras? Saltar de estrela em estrela? Dar uma vista de olhos (breve, breve) na explosão do Centro da Galáxia? Ah, Marklin, gentil Piloto, eis a oportunidade de partirmos os dois para muito longe, para um canto onde ninguém interrompa o nosso idílio... Queres saber o que tenho andado a fazer? Sim? Não? Olha, vem comigo, quer queiras ou não, não tens outro remédio...

Fora do Domo, na aridez gástrica do estômago simulado, sobre as crateras cobertas de colónias de fungos e bactérias, o tubo transparente divide-se em dezenas de ramais, distribuindo-se por toda a superfície protegida do asteróide.

Suzana paira a seu lado, orelhas abertas, quase imóveis, como um cartaz de Walt Disney. Espreita, convida ela, espreita lá para dentro. E diz-me o que vêes. Marklin ajoelha-se, toca com os dedos a superfície gelada do tubo, franze os olhos, mas não consegue perceber. Aquilo que se encontra no interior do tubo parece-se com radículas em constante expansão. De vez em quando, eis uma faísca, luminosa como uma bomba de fósforo. Então, pergunta Suzana, isto não te faz lembrar nada?

Marklin encolhe os ombros. Diabos a levem! Lembrar o quê? Uma planta, um... falta-lhe o termo.

— Neurónio! Um neurónio! Então essas lições de biologia? É parte do sistema nervoso da Matrix a crescer. Já te esqueceste? Aquilo que eu roubei, que vinha escondido nas vesículas do Módulo... A reconstituir-se segundo um esquema determinado. Como as árvores bonsai. Uma imitação à escala do vasto modelo neuronal da Matrix. Feito a partir da minha memória eidética. Como sabes, ou sabias, um neurónio não se reproduz, mas, se não foi destruído, ou pertencer ao tecido embrionário, e repara que alguns foram salvos antes que a vossa neurotoxina atingisse os nódulos corticais, então, quando bem alimentado, pode regenerar-se e crescer, crescer... os tubos ensinam-lhe a orientação correcta. Dentro de algumas horas todo o processo estará completo.

— E para quê? — pergunta Marklin, levantando-se. — O que é que queres, Suzana? O que queres de mim?

Rápida, a tromba de Suzana estala, capturando a meio do voo uma bexiga que passa próxima. Irija-se a boca, descobrindo placas ósseas dispostas em círculo, como os dentes de uma lampreia. Cerra-se a boca logo de seguida, smak, num beijo mole, esborrachando a criatura, transformando-a num balão vazio que Suzana logo se põe a mastigar, estremeando de prazer.

— Uhm... Miam... Pena que a tua biologia não seja compatível com a digestão destes parasitas intestinais. Ainda bem que crescem tão vigorosos em ambientes simulados.

Quando vocês, humanos, nos destruíram a Matrix, chegámos a recear sermos obrigadas a viver exclusivamente de sintéticos e hidropónicos. Enfim, eis uma das poucas compensações do Exílio...

— Que queres de mim? — insiste Marklin, de punhos cerrados. — QUE QUERES DE MIM?

— Quero a tua alma, amor! — responde Suzana, muito próxima, a cuspir pela boca fragmentos semi dissolvidos da bexiga. — Para ser mais precisa, necessito do teu córtex visual. Que a Matrix tinha. E que nós não temos. Também me está a fazer falta a territorialidade do teu cérebro reptiliano. A afectividade do centro límbico. Tudo isto é necessário para se poder saltar no EspaçoNulo. Eu não o posso fazer. Mas tu podes, amor, tu podes...

— O quê? Como?

— Vem comigo... — Diz Suzana, deslizando no ar, rumo à parte exterior da Doca. Marklin acompanha-a um pouco mais atrás, a arrastar os pés. — O Espaço, o Tempo, que vem a ser isso? Se amarfanhares uma folha de papel, não é verdade que fazes entrar em contacto muitas superfícies outrora distantes? Que forças a obrigam a ser plana. Ou a transformar-se numa esfera multidimensional? Apenas uma ligeira pressão dos dedos, um toque, um quase nada. Um impulso eléctrico no hipotálamo. Anos-luz que se torcem. Uma conexão a mais no lobo occipital. E tu passas a “ver” a mudança. Como interpretá-la? Ora, a través do teu imaginário... o tecido roubado à Matrix vai permitir-te a percepção dessa Metarrealidade. A cadeira indutora um modo original de a conceptualizares... Querido Marklin, sou um génio, sabias? O stress da maternidade tornou-me criativa. Um fenómeno aleatório na sopa genética da minha raça. Apropriei-me dos neurónios embrionários. Sabotei os tracejadores telemétricos. Agora só me basta requisitar informação, ou seja, um piloto humano com uma boa dose de imaginário: tu.

— Mas se podes realmente fugir, se isso é realmente assim, porque é que não dizes

isso aos outros, porque é que não se vão todos embora de uma vez por todas?

— Ainda não percebeste, pois não? Marklin, Marklin, a minha prole é *imensa*. São biliões de larvas no interior dos meus ovos. Nunca, mas nunca, mesmo a título de uma recompensa excepcional, os restantes Dumbos permitiriam que eclodissem todas. Superpopulação. PUM. Sobrecarga a todos os níveis. Não, amor, tenho de os proteger. E para isso terão de nascer longe, mesmo muito longe...

— Era só o que me faltava... — murmura Marklin. — Um dumbo psi... psi...

Suzana aproxima-se, agressiva:

— Já te disse que não permito insultos. Sou doida, é natural. Todos os dumbos na desova o são. Sabias que nos prendiam numa bolsa de celulose poucos dias antes das larvas nascerem? De modo a que se faça uma correcta transmissão de memória. De modo a que elas possam alimentar-se do nosso corpo. A fim que as mais deficientes possam ser capturadas e eliminadas... Achas que sou livre, que tenho hipóteses de escolha?

Marklin sacode a cabeça. Custa-lhe a pensar, falta-lhe já tanta coisa...

Do outro lado da bioderme, no funil exterior da Doca, a actividade dos robôs e waldos é frenética. Fulgem como estrelas os arcos de iluminação. Explodem fagulhas dos lasers industriais. Guindastes e pinças invertem os reactores químicos arrancados ao Módulo do dumbo, fixando-os à rocha nua do asteróide.

— Vão permitir-nos uma ligeira capacidade de manobra. Pelo menos para abandonar a órbita e mergulhar na direcção do Sol. Como podes verificar, estão quase prontos...

Marklin acena que sim, desconsolado.

— Vem até à sala de jogos, — diz o dumbo, colocando-lhe uma tromba maternal sobre o ombro. — Quero mostrar-te como as coisas funcionam...

Júpiter brilha lá no alto. O microsól madrega no horizonte restrito. Uma revoada de bexigas passa sobre a borda da cratera, arrastada pelos ventos matinais. Marklin soluça,

solitário e aterrorizado. E Suzana, sempre pedagógica, prossegue com as confidências:

— É natural que isto nunca te tenha passado pela cabeça, dado o triste estado em que te encontras, mas sabias que existe uma justificação lógica para a nossa sede de memórias? É que nós, os dumbos, também somos máquinas... Constructos orgânicos feitos certo dia por um Criador, não uma entidade metafísica, mas um Ser tão real como tu ou eu. Um Criador que fugiu de nós e da chama que arde no Centro, mas que nos programou para o procurarmos até que o universo se contraia. Recolhemos informações. Não através de fotografias, mas da síntese das memórias. *Memórias*, Marklin. ADN. As vossas, as dos gastrópodes de Lyra, tanto se nos dá. Como que colecciona jóias, moedas, ou cromos. A nossa missão é recolher e transmitir o recolhido. Como fazem as máquinas de Von Newman.

— Deixa-me em paz, Suzana!

— Não, Marklin, escuta. Não há fuga para isto. Não posso fazer as coisas doutro modo. Tenho de sair daqui, passar a informação, proteger a prole que a vai herdar. Tenho de obedecer a este imperativo como tu tens de respirar ou comer. E se me perguntares se eu tiro daqui algum prazer, respondo-te que tiro, sim senhor. Um gozo semelhante ao vosso orgasmo. Todos os comportamentos são motivados. O nosso também, amor. Não fugimos à regra.

— Eu quero matar-te, Suzana. Quero ver-te morrer. Agora só quero isso!

— Pois claro, compreendo perfeitamente o teu problema. Queres, mas não podes...

— Compreendes uma treta! Nada temos em comum! — grita Marklin num acesso de raiva.

— Ai, amor, como podes dizer isso! Então não temos? Tenho as tuas memórias. Todas elas. Guardadas para o usufruto da minha prole. Tenho tudo o que é teu. Todo o teu passado...

Penetram no solarium. Marklin segue pelo carreiro, enquanto Suzana gravita

ostensivamente sobre a relva, aspergindo os canteiros com as secreções corrosivas do seu corpo. Roedores jardineiros chiam, indignados. No emaranhado da relva, trinam cigarras verdadeiras. Lá no alto, nas ramagens, trinam pássaros artificiais. E Suzana prossegue:

— Como é fascinante, a tua cultura. Moldam as infâncias no terror da punição. Se nos consideram monstros, o que não serão os vossos contadores de histórias? É isto que narram à vossa prole? Socialização por condicionamento negativo? Paquidermes que voam? Bonecos de madeira engolidos por matrizes aquáticas? Insectos a servirem de super-ego? Lobos humaniformes que derrubam num só sopro casas feitas à base de celulose alimentar? Anões homossexuais que cohabitam com donzelas em constante cio?

E lá vão descendo a escada em caracol, gravidade a inverter-se, Marklin a reprimir a habitual náusea. Suzana segue logo atrás, com os implantes manipuladores a rasparem contra os embutidos de ferro forjado.

— Após a capitulação, a primeira coisa que exigimos aos Governos da Terra foi o envio imediato desse grande Mestre, desse inventor em imagens de todas as lágrimas infantis. Queremos o Walt Disney entre nós! Queremos as suas memórias! Enviaram-nos o seu cadáver criogenizado, irrecuperável, devido à refrigeração por processos artesanais. Não restava nada. Nem um só engrama. Todas as células estavam estoiradas pela dilatação da água. Olha, vou dizer-te uma coisa que mais nenhum humano sabe. No ventre apodrecido da Matrix, entre baforadas e vendavais de gases em decomposição, construímos um altar. E sobre ele, depositámos o cilindro criogénico. Mais acima, um holograma animado de um Dumbo a voar, com uma pena preta na tromba, um rato vestido de vermelho a espreitar pela borda do chapéu. Se algum dia os da minha espécie saírem daqui como eu vou sair, será este o marco mais importante da nossa visita a este sistema solar. Um corpo morto e congelado à temperatura do nitrogénio líquido, sob a sombra de um elefante alado.

— Disney? — pergunta Marklin, consciente do vazio que se alastra dentro de si. —

Mas quem é esse gajo?

— Deixa... — responde Suzana, indicando-lhe a cadeira indutora, a cadeira dos jogos cruéis. — Senta-te. Liga os terminais. Não resistas, amor. Para quê? Faz o que te digo, anda. Vou mostrar-te o mundo noménico...

Marklin obedece. Com as mãos que tremem, cobre o crânio com o capacete quinesésico, sentindo na nuca, vagamente, as picadas dos microelétrodos. Cola no peito as ventosas dos bio-receptores. Enfia as luvas. *E agora, pergunta, que mais faço?*

— Esperas. Também eu me estou a ligar...

Marklin flutua no negro absoluto. Perdeu o uso do corpo, algures, lá muito atrás. Fosfenos estoiram-lhe junto à fóvea.

— Agora muita atenção! — sussurra-lhe Suzana aos ouvidos. — Desconheço como é que um humano reage à visão do EspaçoNulo. Mas não tenhas medo, amor. É só um teste, coisa de poucos segundos. E eu vou estar contigo. Prepara-te. Às três ligo o tecido neuronal da Matrix ao teu centro visual... UM

*(Céus, tirem-me daqui, que mal fiz eu, não mereço isto... )*

DOIS

*(larga-me, Suzana, larga-me ou)*

e TRÊS!

*um gosto a sal na boca, farripas de espuma gelada, a agonia da velocidade a comprimir as paredes do estômago, à esquerda a falésia cinzenta de um fjord, á direita o sorvedouro de um remoinho. Na proa do barco de pesca, camisa encharcada, uma mulher pálida, olhos como contas vermelhas, procura fazer-se entender contra o grito do vento e o estampido das ondas: onde estamos, onde estamos, que vem a ser isto?*

*É o Mahelstrom, responde Marklin, vamos cair lá dentro. Ajuda-me, Ligeia!*

*A vela range, o barco inclina-se vinte graus, perturbando o centro de gravidade, a*

*velocidade aumenta de gradiente, aqui e ali estalam juntas enquanto a superfície da água ascende, vertiginosa.*

*Marklin, ouve, vê se percebes. O remoinho não é mais do que a tua visualização do poço gravítico do Sol. Ainda não estamos a cair, navegamos em círculos... Está tudo bem, Marklin!*

*Não, grita ele, e o remoinho transforma-se num rio caudaloso a correr na direcção do abismo do Tártaro. Ligeia reduziu-se a um esqueleto. Numa das mãos segura uma Clepsidra. Na outra, uma foice. Ao cinto, que prende um manto negro, transporta um saquinho cheio de moedas de prata. E agora, pergunta a Morte/Barqueiro, e agora?*

*Estou morto, morto, responde Marklin num sombrio desespero. Este é o rio Estige. Tu és o Arconte. E esta viagem é a irremediável queda no Hades.*

*Marklin, começa a Morte*

*não, responde ele, numa ascensão de glória rumo ao sol, asas mecânicas batendo a compasso, vento no rosto, longe, longe de Minos. Escuta, diz a voz de Dédalo, lá muito em baixo, subindo, vagaroso, ao sabor de uma corrente de convecção, não faças isso, Marklin!*

*Mas Marklin ignora-o, fugir, pensa, tenho de fugir, mas a única fuga possível é para o alto, mais, mais, entre a chama e a cera que se derrete numa nuvem de penas que se escapam às articulações mecânicas, e depois já não sobe, antes cai desamparado, atrás dele desenha-se no ar um rastro de fragmentos pré-tecnológicos, tomba como um calhau a nove vírgula oito metros por segundo ao quadrado, rumo ao impacto vítreo com o Oceano.*

*Não, insiste*

e acorda enfim, sentado na cadeira indutora. Arranca as fichas do peito a soluçar. Afasta da cabeça o capacete, mal os microelétrodos se desligam do osso. O coração vibra-lhe no peito como um motor mal regulado. No chão, sobre a alcatifa, Suzana torce-se em convulsões.

Marklin tenta pôr-se de pé, sair dali, aproveitar o estado de prostração do dumbo, mas ela grita-lhe QUIETO, e a sua metade cibernética acha por bem desligar-se. Indefeso, meio apoiado na cadeira, meio estatelado sobre a alcatifa, Marklin espera que a Suzana se recomponha.

— Demasiado imaginário, — comenta o dumbo, já a flutuar. — É isso mesmo! Ainda estás cheio de muitas coisas. Pobrezinho do Marklin, preciso de ti vazio, límpido como um lago glacial. Nesta confusão imagética é impossível dirigir-te. Vamos, deita-te ali no sofá, tenho muita pena, querido amor, mas vou beber-te outra vez!

Marklin pensa o fim chegou. Que vai ficar da sua pessoa depois desta nova prova? Como é que vai poder matá-la?

Suzana, Suzana, eu consigo, garanto-te. Foi só a primeira vez! É uma experiência desconcertante. Entrei em pânico, percebes? Não esperava ver cenas de livros, mas não me tires mais memórias, por favor, não disseste que me querias operacional, capaz de imaginar? Suzana, não me empurres, espera. Su

O dumbo visualiza os corredores de uma biblioteca repleta com todos os livros, jornais, revistas, filmes, que Marklin alguma vez leu, reflectiu, ou passou uma rápida vista de olhos. De A a Z, prateleira após prateleira, página a página, Suzana vai-os sorvendo. Diluem-se as letras no papel. Esvaziam-se os títulos, os nomes dos autores. Apagam-se os desenhos das capas. Num só instante de despolarização neuronal, Marklin perde os Copolla, os Fellini, os Mervyn Peake, as Rosas de Parnassus e todas as Flores do Mal, Bellerophon, o Hipogrifo, Orfeu e a sua inútil viagem às sombras do Hades, Arthus e a

espada cantante, Elric o Necromante, as hostes tetónicas a afundarem-se no gelo quebradiço, Bogart a passear-se numa Casablanca nocturna e irreal, Aslan o Leão de Narnia, Oz o Terrível, Ming, o Implacável, a queda putrefacta da Casa de Usher, o abominável Dr. Phibes e o virtuoso Dr. Jeckyll, uma ponte de luz a ligar Nova York ao céu, um trenó a arder na fogueira, Robbie o Robô, a colecção completa dos DC comics até à morte de Batman às mãos do Jocker, a sombra de um estudante faminto com uma machadinha nas mãos, e todos os lábios famosos, todos os peitos e coxas de Mae West a Elleonora Reaves.

Da biblioteca imensa pouco ou nada resta, enfim.

Os óculos estalados de John Lenon.

A primeira página de um manual de biologia elementar.

Algo despropositado, já sem título ou autor: *Aprender não é mais do que recordar...*

Um graffiti numa parede de Londres: SMASH THE STATE!

O vazio de uma memória quase limpa, pronta a começar de novo.

## 10

Marklin acorda com uma sensação diferente na boca do estômago. O chão da sala de jogos parece inclinado para um dos lados. A parede rochosa vibra. Ouvem-se estrondos na distância como uma tempestade omnipresente.

Levanta-se a custo, engolindo em seco, apoiado no sofá, procurando equilibrar-se sem perceber porque é que o solo persiste em descer rumo à parede do fundo. O braço e a perna esquerda encontram-se adormecidos, insensíveis. Incomodado, Marklin abre e flecte a mão, uma, duas, três vezes, procurando sentir o habitual formigueiro a alastrar-se

pelo braço, a irritação das picadas nas pontas dos dedos. Nada. A mão aberta, no momento em que resolveu prestar-lhe um pouco mais de atenção, é um simulacro de plástico, sem impressões digitais, marcada apenas com o traço vestigial da linha da vida e da sorte. Que se passa, que foi que me aconteceu, pergunta Marklin sentando-se no sofá, cobrindo o rosto com as mãos, reprimindo um vômito motivado pela sensação de queda permanente.

— Estás bem? — diz-lhe uma voz mesmo junto aos ouvidos.

Marklin estremece ao deparar com um holograma de um rato negro.

— O que é isto?

— Mau... — suspira o rato. — Os estragos não foram tantos como isso. Ainda falas, pensas... Escuta, lembra-te de mim?

— És um sistema de defesa anti-dumbo!

— Bravo! E tu, como te chamas?

— Marklin.

— Muito bem. E o que é que eu estou aqui a fazer? Lembra-te?

— A Su... zana... bebeu-me. Agora... o meu braço e a minha perna... Que...

— Era bom demais, — chia o rato, acendendo um charuto, secando o suor das orelhas com um lenço amarelo. — Olha, Bwana, não temos muito tempo. A Suzana anda a fazer asneiras. Acaba de acender os jactos de atitude. Abandonámos a órbita estacionária. Estamos presentemente em fuga, sob uma aceleração de 3g prestes a atingir uma velocidade de escape que ela considera ideal. Ao mesmo tempo estamos a ser perseguidos por centenas de Módulos dumbo. Um lindo sarilho, é o que é.

— O meu braço, a minha perna, que têm eles? — insiste Marklin, porque não percebeu nada do resto da conversa.

— Ai bom Jesus! — resmunga o rato batendo com uma das botinas rutilantes sobre a alcatifa. — Não há pachorra para biografias da desgraça, Bwana. Ela vai chamar-te ao dever de um momento para o outro. Infelizmente a construção do tecido neuronal encontra-

se pouco adiantada. Quem me dera que pudesses agir agora, mas não é possível. Se a Suzana desse conta da nossa conspiraçãozinha, desligava-te a parte cibernética. Os dumbos estão todos a correr atrás de nós. Tarde demais, temos mesmo de *saltar* daqui para fora.

— Não estou a perceber...

— Ah, Patrão, as coisas estão pretas, mas não as tornes pior do que parecem, sim? Vem comigo até à sala de controlo.

— Fazer o quê?

— Olha, ver a paisagem! — exclama o holograma. — Ouvir o barulho das luzes!

O ecrã encontra-se dividido ao meio. De um lado, em simulação, o asteróide atravessa uma rede topográfica repleta de vectores em movimento. Do outro, no espaço real, rodopiam estrelas em tracejados de néon. Luzes de alarme incendeiam a sala oval. A gravidade vai e volta, maldosa como uma maré, forçando Marklin a amarrar-se aos cintos de segurança na cadeira de controlo. O estômago dá-lhe voltas sobre voltas.

— Feixes tractores... — explica o rato, didáctico, imóvel no meio do turbilhão. — Suzana deu ordens ao neurocomp para arrancar, mal ele sentisse Módulos dúbicos nas proximidades. Podia até ser que andassem por aí, a passearem-se, sem terem a Suzana nos pensamentos. Mas o mal está feito. Encontramo-nos num processo de fuga catastrófica. Atrás de nós a tocha de hidrogénio deve estar a queimá-los às dezenas. Os feixes tractores dos Módulos de intercepção não possuem força suficiente para se fixarem em nós e travarem o movimento. Por enquanto, ainda não utilizaram mísseis ultra-rápidos. Duvido que o venham a fazer. Acho que pretendem recuperar intacto o sacrossanto tecido neuronal da Matrix. Sorte a nossa! E que espectáculo, Marklin, que coisa mais sublime! Que bela lição de maternidade lhes está a dar a nossa Suzaninha!

— Para onde vamos?

— Rumo ao Sol, claro. Não há vector gravítico mais perfeito. Dumbinhos como

ícaros a crepitarem na chama... Cada vez mais depressa...

— Rumo ao Sol?

— Sim... Sim... — responde o rato, entusiasmado. — A cair, a cair, num dança em espiral... E na nossa peugada, grande parte da frota invasora. Penso que vão morrer muitos, quando descobrirem que já não podem voltar atrás... Uma vez junto à verticalidade do poço, não há conversores agrav que aguentem...

— E nós?

— Nós, Bwana? — prossegue o rato, tristonho, patas rosadas assentes no ombro de Marklin, unhas negras e fantasmais afundadas sobre a camisa. — Já não te lembras? A Suzana vai querer *saltar* através do EspaçoNulo. Quer ir desovar longe, num local escondido onde os seus companheiros e a explosão do Centro não lhe possam chegar. Não tarda que esteja aí, a querer ligar-te ao computador de jogos, como uma mãe ciosíssima só preocupada com o bem estar da prole. Escuta, Patrão, quis arranjar-te um meio de te defenderes antes da partida, mas tal não foi possível, desculpa. Resta-nos acompanhá-la corajosamente até onde nenhum homem foi antes, se é que entendes a minha paráfrase. Quando emergirmos do EspaçoNulo, seja lá onde isso for, prometo que este teu criado já terá a resposta... Entretanto, vê se aguentas firme...

— Estou feito, — choraminga Marklin. — Não percebi metade do que me disseste, faltam-me os termos...

— Deixa... Antes que chegue a Suzana tenho outra surpresa para ti... Atenção... Produções Walt Disney apresentam...

— Quem?

— DISNEY NO CÉU ENTRE OS DUMBOS... Olha!

O ecrã de simulação de voo passa a transmitir uma imagem. Qualquer coisa imensa, cilíndrica e anelada flutua no vazio, cuspidos geisers de fumo, iluminada por toda uma constelação de micro-sois. É tão vasta, que Marklin só consegue perceber o seu tamanho

real quando a compara com as conchas vazias das naves humanas que orbitam em torno do campo gravítico como partículas de pó sujeitas ao bailado browniano da luz artificial. Certos anéis reflectem as estrelas como espelhos, outros são já tão baços e necróticos que se limitam a abrir as camadas internas à noite e ao vácuo. O próprio cilindro perdeu a linearidade, apresenta-se agora torcido como o ponto de interrogação de um verme em perpétua agonia.

— Que é aquilo?

— A Nave Matrix, claro... o organismo que teve a bondade de conduzir os dumbos até nós. Morto, graças aos mísseis de neurotoxina. Foste um dos pilotos dos dardos-agulha, lembras-te? Foi assim que te apanharam. Na tua cápsula kamikaze, cravado na Matrix a duzentos metros de profundidade, a picar um dos túneis do sistema vascular. Sei isto, porque consultei a tua ficha. Provavelmente já perdeste a memória do que te aconteceu. Deve ter sido um dos primeiros engramas que os dumbos beberam. Deixa lá, também não era uma memória agradável. O importante é que ela morreu e se tornou um Templo para os dumbos. *Sagrada é a Mãe em cujo ventre viajamos!* No seu interior, ou no que dele resta, repousa um cilindro criogénico com o corpo do velho Walt. Os dumbos visitam-no em romaria. Num alvéolo improvisado, modesta reconstituição das salas de espectáculos dos anos quarenta, projectam-lhe os filmes. Não que os dumbos os possam ver, claro. Para isso servem-se de substitutos humanos e depois bebem-lhes as memórias. Tudo isto em honra do Criador. Imagina a cena, Marklin. Imagina centenas de dumbos muito bem aninhados nos simulacros das cadeiras de um anfiteatro, cegos como toupeiras, trombas coladas às nuças dos seus parceiros humanos. A escutarem canções sentimentais de um elefante de circo que quis aprender a voar. Imagina-os, auriculares levantados, a aplaudirem a obra de quem os concebeu antes de chegarem...

No ecrã, a Matrix vai diminuindo de tamanho, escorregando para a esquerda, até se dissolver na constelação de luzeiros. Fica para trás a Cintura. Com a tocha a cuspir plasma

incandescente, âncora de gravidade fixa numa fonte de hidrogénio infinitamente maior, o asteróide mergulha rumo ao sol perseguido por um enxame de dumbos em fúria.

— Reparaste nas nuvens que brotavam de certos sectores da Matrix? — continua o rato, indiferente ao caos ambiente. — São gases provenientes da decomposição. Já se passaram anos e aquela coisa continua a apodrecer. Ou pelo menos as partes que são orgânicas. De vez em quando ocorrem erupções como essa, capazes de estoirarem com as paredes alveolares mais frágeis. As constantes fugas de gás tornaram instável a órbita da Matrix. É por isso que estão sempre a corrigi-la. Fascinante, não achas, Marklin?

Marklin não o ouve. Ainda preso à cadeira, com a cabina a dançar-lhe à volta da cabeça, só sabe roer as unhas. Tem os joelhos encolhidos contra o queixo e não consegue perceber nada de nada.

Nos ecrãs, agora indecifráveis, escorrem ordens dos dumbos perseguidores. Ping, pong, contra as paredes, batem e ressaltam todos os objectos não aderentes da sala.

Marklin levanta-se, agarrado às anteparas, à procura da saída. Não quer saber mais. Não acredita que algum dia se tenha querido matar, mesmo tendo em conta a salvação da sua espécie. Alguma coisa lhe fizeram para o obrigar. Agora apetece-lhe o repouso do solarium, o cheiro a erva cortada, o canto simulado dos pássaros. Quem lhe dera ter uma bebida entre as mãos, embora, por muito que se esforce, não consiga lembrar-se do nome de nenhuma.

— Eh, Patrão! — diz o rato antes dele sair. — A Suzana anda à tua procura. Vai ter com ela. Não deites tudo a perder. Aguenta. Submete-te. Colabora. O resto é secundário. Compreendes? As memórias são coisas que descartamos voluntariamente todos os dias, quase sem darmos por isso. Que importa o que perdeste? Pensa que ainda te restam muitos anos para voltares a aprender milhares de coisas novas...

Marklin encolhe os ombros, escorregando de rabo sobre uma das paredes do corredor subitamente inclinado. Ver o mundo pela última vez! Ver o sol verdadeiro a crescer no

céu!

Porém, chegado ao solarium, só descobre o caos. Terra, flores, erva, ramagens, tudo isto foi arrancado aos devidos lugares durante as primeiras flutuações da gravidade artificial. Pedacos de lama dançam no ar como planetoides embrionários. Aqui e ali uma esfera feita de água, paira à deriva, elástica e tremeluzente. Não há um único hexágono que esteja inteiro ou deixe passar a luz. Nuvens de pólen e sementes irritam-lhe as mucosas. Os pés recusam-se a assentar no chão. Só as tubagens onde cresce o tecido neuronal da Matrix permanecem fixas ao solo. Lágrimas de desgosto escorrem-lhe dos olhos, esferizam-se a meio caminho, e ali ficam, como berlindes no meio do ar.

E depois, como se isto não bastasse, eis a forma informe de Suzana a brotar do buraco da escada em caracol, tromba esticada na sua direcção, ignorando por completo o estado catastrófico do jardim.

— Onde é que estavas? Por onde é que tu andas sempre escondido, meu maroto? Tenho o neurocomp à tua procura faz já minutos...

— Estragaram tudo... — murmura Marklin, apontando para o jardim.

— É triste, não é? A culpa não foi minha. Deixa, que depois reconstruímos o que valer a pena reconstruir... Agora vem, chegou o momento! Preciso de ti!

Marklin segue-a, cabisbaixo, mergulhando de cabeça através do poço da escada, apoiado pelo corrimão, sem se servir dos pés ou utilizar os degraus, já que o gerador agrav, ocupado em puxar o asteróide até ao Sol, resolveu transferir a energia para outros lados.

A sala dos jogos, se não contarmos com a confusão de cabos que se espalham pela alcatifa, está mais calma, como se fosse um antro sinistro de sossego.

Lá ao canto, aparentemente inócua, espera-o a cadeira indutora.

Senta-se. Enfia o capacete sobre os olhos. Cola ao corpo as ventosas dos estimuladores quinesésicos. Calça as luvas. Aperta um cinto de segurança improvisado. Aos seus pés,

deitada sobre o que resta da alcatifa, arquejante como um gigantesco cão fiel, Suzana vai ligando as fichas e os terminais às partes não orgânicas do seu próprio corpo.

Marklin sente a consciência a fugir-lhe com a violência de uma barragem a quem quebraram o dique. Sangue chocalha-lhe nas câmaras de eco dos ouvidos. Ploc-paf, faz um mini-disc à solta, a percutir lá no alto, de encontro ao tecto, irritante como um insecto. Às narinas, chega-lhe o fedor ácido de Suzana, mesclado com a amarga agonia do seu suor.

Em seguida, eis as picadas dos microelétrodos junto às têmporas, nuca e fronte. Os pés a saltarem de um lado para o outro, a cabeça a pender para cima, como se tudo estivesse sujeito a vectores gravíticos contraditórios.

Súbita treva.

*(estamos quase)* diz Suzana *(estás pronto, amor?)*

Então

## 11

*no instante seguinte encontra-se no meio de um campo banhado de luz, cavalgando uma patinete, a deslizar sobre uma estrada de tijolos amarelos.*

*Rodeia-o uma paisagem estranha, cataclísmica. Uma paisagem que estremece, como se fosse desenhada num tapete a ser sacudido do pó. À esquerda, vê-se uma planura de relva ondulando como um mar transido de sargaços. Marklin escorrega, veloz, vento a bater-lhe no rosto, joelhos dobrados, braços abertos para se equilibrar, sobre um pavimento tão macio e implacável como o vidro, como se estivesse a escorregar pelo declive invisível de uma falésia. E, lá ao longe, no fim da estrada (impossível, impossível)*

*pois é uma estrada que **sobe**, que se enrola sobre o horizonte, surge um palácio verde esmeralda a brilhar sob a luz omnipresente num brilho tão intenso que vaporiza.*

*Pela direita correm casas, galgam-se umas às outras com a pressa da passagem, casas de campo, de chocolate, de cristal, blokhaus de cimento, umas em ruína, outras moles como sorvetes, línguas gigantescas feitas de capachos a pender das portas e a lamberem-se umas às outras.*

*(Estamos a descer, a descer tão depressa...), sussurra-lhe uma voz que só pode ser a da Suzana. (Por enquanto ainda não mergulhámos no EspaçoNulo, Mas estás a vê-lo, não estás? Por todo o lado. Frágil como um sonho. Não te percas, segue o caminho traçado. Em frente, em frente. Acompanha a estrada. Ignora as variáveis parasitas. Por muito que eu te bebesse, não as consegui suprimir por completo.)*

*Suzana acompanha-o lado a lado nesta descida ilusória. Uma Suzana **transformada**. Desta vez é mesmo o Dumbo. Patas roliças e encolhidas, orelhas esticadas numa simulação de voo, pele cerunculosa e azulada, olhos pestanudos, chapelinho ridículo encavalitado no alto da cabeça, está tudo conforme. Tatuada no lombo, brilhante como um néon, consegue-se distinguir perfeitamente a estampa dos Estúdios Walt Disney™.*

*Sobre o oceano de relva foge um veleiro do turbilhão traçado pelo dorso de uma baleia branca. Mesmo do lugar onde está, da protecção mais ou menos segura configurada pela estrada dos tijolos amarelos, Marklin consegue ouvir os gritos de terror da tripulação condenada.*

*(Não lrigues, não lrigues), insiste Suzana. (São sonhos maus, fragmentos mal digeridos de memória. Em frente, em frente. Rumo ao Palácio, às mil portas, ao salto para a liberdade!)*

*Marklin levanta os olhos, fixa-os num céu coruscante, num enxame de macacos alados, em bandos de dragões multiformes como variações de serpentes emplumadas, naves espaciais grávidas de mil jactos, pedregulhos do tamanho de pequenas luas.*

(Não liguês, não liguês) *insiste o Dumbo* (Não passam do modo como visualizas quem te persegue. Descansa que não nos apanham.. Presta atenção ao que fazes, não te distraias!)

(Tão depressa...) *consegue articular Marklin.*

(Achas? E não gostas? Estás a reparar como o Palácio cresce, lá ao fundo? Trata-se do Sol. É por aqueles lados que vamos saltar. Para longe! Para muito longe daqui!)

*Em torno de Marklin, toda a pseudorealidade conceptual parece estar igualmente a ser afectada pela singularidade. Torres imensas dobram-se como girassóis. Lá no alto, dirigíveis amachucam-se como balões furados. Revoadas de fenixes em combustão, descrevem linhas de treva na brancura do céu.*

*Atrás dele*

(Não olhes, não olhes)

*uma rapariga grita em silêncio enquanto o seu escafandro estoira naquilo que só pode ser uma explosão descompressiva. Aterrorizado, Marklin reconhece-a.*

Clara! Céus, como é que...

*E a patinete desvia-se para a borda da estrada, uma estrada que vai subindo até ser parede.*

(Corrige, corrige), *ordena-lhe o Dumbo* (Que estás tu a fazer, não abandones este vector...)

*Marklin rodopia, desorientado, patinete quase a fugir-lhe debaixo dos pés. Acabou de ter a visão tremenda de uma vaga a crescer-lhe pelas costas. Gritam-lhe o nome aos ouvidos. Um nome que soa ao estoiro do coração da Matrix a morrer de overdose.*

*O Dumbo puxa-o pelo braço com a tromba.*

(Corrige, corrige, queres dar cabo de nós?)

*Marklin equilibra-se, enfim, voltando ao centro da estrada. Já se esqueceu de quem o seguia. Já perdeu a memória da companheira a morrer. Agora tem mais em que pensar.*

*As fachadas do Palácio de Esmeralda multiplicam ao infinito a imagem da sua aproximação. O vento inverteu o ciclo, deixou de soprar. Agora é como se o chupasse.*

*(Atenção ao Portal! Vamos ao salto! Ao salto!)*

*E Marklin salta, deixando para trás a patinete. Salta e mergulha de cabeça no túnel traçado no cristal, relâmpago, relâmpago, relâmpago de paredes translúcidas a passarem, até vir cair no interior de uma esfera titânica, crivada por milhares de outros túneis.*

*(Desce. Aguenta. Esquerda. Mais. Direita. Em frente. Corrige. Sim. Sim. Agora. AGORA!)*

*A transição é tão rápida que mal tem tempo de a perceber. Sente-se a esticar, mais, mais e mais ainda, como se conseguisse chegar até ao fundo do túnel com a ponta dos dedos. Um simples gesto, ou o fantasma da sua intenção, apenas isso. No instante seguinte, encontra-se noutro lado, suspenso sobre uma planura infinita e cinzenta. Lá no alto as estrelas não brilham, a solidão é como um mal estranho, pois Marklin não sente frio ou calor, apenas uma ausência absoluta, como o abraço neutro e indiferente da entropia.*

*(Chegámos!) diz-lhe a Suzana. (Ou pelo menos terminámos a primeira parte da nossa jornada. Ninguém nos persegue, aqui onde estamos. Que triunfo, Marklin, que feito o nosso! Como te está grata, a minha prole. Já podes despertar...)*

*E Marklin acorda, arranca-se ao vazio onde o dumbo ainda se deleita, náusea a galgar-lhe a boca, solta o capacete, descalça as luvas, puxa pelos fios dos terminais. Treme, esgotado. A sintaderme vai-lhe bebendo o excesso de suor e toxinas. A sala de jogos está como estava. A gravidade voltou ao normal. A seus pés, Suzana estremece, paquidérmica e saciada. Assim vista de lado, podem-se perceber perfeitamente todas as excrescências gelatinosas que contêm a vastidão incalculável de óvulos. *Tenho de sair daqui, quanto mais longe, melhor. Respirar ar puro e ver onde estamos.**

No solarium, pedaços de lama, fertilizante, folhas amassadas, pendem, emplastrados, dos hexágonos. Dezenas de ratos afadigam-se a limpar toda a porcaria, a dar-lhes lustro, chiando, esvoaçando, correndo de uma extremidade à outra do domo. Aqui, uma equipa desimpede os carris. Lá ao fundo, um pequeno grupo, saco aos ombros, replanta sementes de relva, mastigando uma ou outra, como aperitivo. Indiferente, Marklin atravessa este cenário em reconstrução, abre à décima tentativa a comporta estanque, e vai dar ao ecossistema estomacal da Matrix.

Por todo o lado as condutas que orientam os macroneurónios espraiam-se, cruzam-se e rendilham-se até desaparecerem na curva do horizonte. O micro-sol ainda não nasceu. Não há a mínima luz ambiente, a não ser a pálida bioluminescência de certas colónias de bactérias. Como é então possível que os olhos lhe piquem como se...

Marklin levanta a cabeça, surpreendido. Mas, para lá da pele translúcida não consegue ver nada. Nem as estrelas, nem mesmo a escuridão de um espaço vazio. Nada, como se... Não consegue explicar. Não existem palavras. Transido de terror, desvia então a cabeça, cai de joelhos, recuando de gatas de volta à protecção do solarium. Aí, encostado à curvatura das anteparas hexagonais, sem se dar conta das hostes proletárias de roedores que lhe tropeçam nas pernas estendidas, fica-se a mastigar as unhas.

— Onde é que estamos? — grita, num súbito acesso de desespero. — Onde vim eu parar?

— No Limbo, amor... — chega-lhe aos ouvidos a voz da Suzana, cuja tromba acaba de despontar sobre a escada em caracol. — Algures, imóveis, na uniformidade do EspaçoNulo. Fora da bolha do Universo. Não olhes para o exterior, se isso te faz confusão. O não-Ser não é visível nem sequer cognoscível. Não há *nada* para se ver, acredita. O teu cérebro não possui conexões suficientes para poder integrar dados como este. Não te rales, Marklin. Comigo estás em segurança.

— Quero sair daqui! Quero ir para casa!

— Marklin, Marklin, então, que vem a ser isso? — continua Suzana, aproximando-se, dispersando roedores aterrados em todas as direcções. — Não sabes que a casa é aquele lugar para onde nunca se volta? Pelo menos até à eclosão da minha prole. Para os devidos efeitos, comunico-te que ela acaba de entrar na última fase de gestação. Só mais alguns dias standard. Depois...

— Depois o quê?

— Depois partimos em busca da Diáspora, através do braço exterior da Galáxia. Vamos atrás de todos esses milhares de Naves-Mundo, ou pelo menos daquelas que nunca aprenderam a viajar através do EspaçoNulo. Pedimo-lhes boleia. Oferecemo-lhes o código genético que permita a criação de uma nova Matrix. Em troca... já consideraste o infinito manancial de memória que elas nos podem oferecer?

Marklin sacode a cabeça. O pesadelo continua. Marklin sacode a cabeça e a Suzana acaricia-lhe a nuca com o sensor da tromba.

— Pronto, pronto, tem paciência... Está quase tudo a acabar. Ganhámos. Já ninguém nos pode fazer mal...

Marklin estremece, impotente. Não pode fazer nada. A vitória da Suzana não é a sua. A partir deste momento, as coisas só podem piorar. Humilhado, como um gatinho nas mãos imensas de um gigante incompreensível, deixa-se acariciar.

## 12

Durante três dias Suzana permanece quase invisível. Quatro ou cinco vezes Marklin vê-a de passagem, a cruzar corredores, inchada e silenciosa, verificador de circuitos preso a uma das pinças manipuladoras. Marklin, por seu lado, esforça-se por não se fazer notado.

Se Suzana o visita todas as noites para lhe beber uns quantos aperitivos de memória, visita-o nessa zona morta e sempre em expansão do esquecimento.

Passa os dias no solarium, cujos vidros foram opacizados, a tentar reviver o gosto de velhas bebidas. Tanto lhe faz. Como já não consegue ler, os livros microimpressos nada significam. Quanto a ouvi-los, o resultado é o mesmo. As palavras recitadas pelo sintetizador semântico são, na sua maior parte, desprovidas de sentido. Ruído branco.

Finalmente, na tarde do quarto dia de Limbo, enquanto vagueia a esmo entre a sala de jogos e a messe, dá com o rato, colado à curvatura da parede, unha negra contra os incisivos, a murmurar-lhe:

— Pssst! Eh, Patrão!

— Sim? — exclama Marklin, meio assustado, pois demora alguns segundos a reconhecê-lo. — O que foi?

— A arma está pronta, Sigfried! Os Nibelungos esmeraram-se. Já podes ir matar o Dragão.

Marklin sacode as mãos, desesperado:

— Não percebo, sabes perfeitamente que não entendo o si... signi...

— Desculpa, Patrão, — prossegue o holograma, num tom conspirador, charuto a fumar no canto da boca. — Já vais perceber. Vem comigo até às oficinas. Não te rales com a Suzana. Encontra-se num dos seus raros períodos comatosos, depois de ter andado uma semana inteira a brincar às escondidas comigo. Que raio de criatura mais desconfiada! E para isso bastou-lhe detectar uma pequena alteração no tempo de resposta de certos programas do neurocomp. Nanosegundos, apenas. Os meus criadores não faziam ideia que os dumbos fossem capazes de perceber variações tão pequenas como esta. Agora a cabra anda a fazer um virus-scan a ver se me apanha...

— Não a deixes...

O rato vai seguindo corredor abaixo, com as comportas a abrirem-se e a fecharem-

se logo atrás. Pelo menos parece mais forte, pensa Marklin. Lembro-me que da última vez me pediu que as abrisse manualmente.

A oficina está deserta. Só dois roedores correm, num dos cantos, no interior da superfície transparente de um dos múltiplos tubos de inspecção. Sobre uma das bancadas, contrastando com a inócua esterilidade do resto do cubículo, eis um cilindro de plastrex ligado a um arame rígido com um rodízio na ponta. De ambos os lados, desaparecendo no interior do cilindro, Marklin mal consegue perceber o traço quase invisível de um fio que acompanha a extensão do metro e meio de arame e adere ao rodízio da extremidade.

— Cautela! — avisa o rato. — Não pegues nisso em nenhum lado a não ser pelo punho. Olha que te cortas!

Marklin levanta a suposta arma. O arame parece extremamente frágil. *É com isto que eu vou dar cabo da Suzana? Esta porcaria parte-se num instante.*

— O Bwana está fazer-se niquento? Já agora, queria que eu lhe oferecesse um escafandro de assalto com integração cortical e compensadores lógicos, como os que se usaram durante as guerras corporativas? Mesmo que eu possuísse nos meus programas todo o wetware e software necessários, onde é que eu ia buscar o hardware, anh? Pensas que quando este asteróide foi construído, os dumbos não o inspeccionaram de uma ponta à outra, à procura de qualquer componente susceptível de ser utilizado como arma? Podes considerar-te com muita sorte por teres uma espada. Foi o que se pôde arranjar...

— Tão leve...

— Leve, sim... — comenta o rato com a ponta do charuto a chispar. — Mas o gume é composto por um microfilamento monomolecular, criado nas cuvas deste laboratório. Do mesmo material de que são feitos os entrançados dos cabos tensores da bioderme. Forma uma molécula única, inquebrável, de carbono. Capaz de rodar a alta velocidade logo que acciones a bateria implantada no punho. Aguenta forças torcionais de mais de

duzentas toneladas. Com ela vais poder cortar a Suzana às fatias como se ela fosse um pãozinho quente.

Marklin sacode a cabeça, aterrorizado. O que lhe propõe o rato implica um combate de *proximidade*. Implica que, para a poder matar, terá de se colocar mesmo em cima dela. E tem medo, tem tanto medo...

— Não se trata propriamente de uma espada Vorpál... — prossegue o rato, críptico e literário. — Nem canta como a Excalibur, ou tão pouco chupa almas como a Sormbringer. Mas lá fazer o servicinho, isso faz!

— Não consigo... — geme Marklin.

— Não consegues o quê? E quem é que vai fazer o trabalho por ti? Eu, que sou um fantasma? Os homenzinhos verdes de Marte? A fada madrinha? Depois de tudo por que passaste, é essa a resposta? *Não consigo*? Pensas que acabou, que ela te vai deixar em paz? Digo-te que estás feito, percebes? Até ao final da desova vai-te beber, beber, até ao esgotamento de tudo o que sejam memórias... Não julgues que ela está a contar contigo para a tirares do Limbo. Qualquer outro humano da Adega, desde que devidamente operado, pode fazer o serviço. Ainda por cima não possuo nenhuns dados adicionais quanto ao fenómeno da desova propriamente dito. Não existem dados sobre a verdadeira natureza das mnemotransportadoras. Ninguém sabe o que vai acontecer. Por alguma razão as isolam durante a desova. Olha que não nos sobra muito mais tempo. A Suzana anda desconfiada. No instante em que *me* descobrir, logo que esteja próxima de um terminal de programação, acabou-se tudo. Anula-me. E achas que tem muita gracinha, ser-se anulado? Achas que aprecio perder a minha consciência por muito viral e sintética que ela seja? Diz, Patrão, o que é que tens a perder?

Marklin encolhe os ombros. Em boa verdade, nada. Ou melhor, todas as suas memórias, ainda presentes no ARN da Suzana. Destruí-la agora, é um pouco como morrer. Outra vez.

— Faça o que quiseres... — termina enfim, pegando na espada, respirando fundo, fazendo os possíveis por ignorar as mãos que tremem. — Diz-me onde ela está...

— Bravo, Bwana. Está lá fora, no seu ambiente, muito aconchegada, no interior de uma das grutas... Não tens mais do que lhe fazer uma daquelas emboscadas...

### 13

Esperar, sob um céu impossível, acorrido de encontro a uma espírua rochosa, pés a esborracharem aquilo que parece ser uma colónia vermiforme de cabelos azuis, olhos fixos numa fenda escura como o breu, punho da espada a saltar de uma mão para a outra, como se cada uma delas se recusasse a aceitá-lo, esperar assim, horas a fio, sem conseguir pensar, pois dentro dele nada sobra que valha a pena ser pensado, vai-se tornando aos poucos numa situação intolerável.

De vez em quando, bandos de bexigas passam-lhe frente ao nariz, como balões tristes no rescaldo de uma festa. O holograma do rato faz-lhe companhia. Para o distrair, toca solos de clarinete, dança um sapateado, conta-lhe história de violência na Nova Orleans dos anos trinta. Marklin mal o ouve. A boca da caverna enche todo o universo. Os minutos arrastam-se. A nulidade do Limbo enche-o de agonias.

*Vou desistir, é ridículo! Não consigo aguentar...*

É então que, de um momento para o outro, a entrada da caverna se ilumina com o pálido fulgor dos terminais implantados na massa gigantesca do dumbo. Suzana emerge à superfície como uma crisálida do seu casulo.

— Marklin, amor? Tu aqui, à minha espera? Mas a que devo tal prova de afecto? Durante segundos Marklin não consegue dizer nada. Sente-se paralisado como uma

criança em falta. Só agora compreende o que esperam dele. A mão crispá-se sobre o botão de contacto no punho da espada. Começa a levantar-se a custo, articulações tolhidas por horas de stress e imobilidade.

Nesse instante Suzana depara com o holograma do rato negro. Coco, casaca, lacinho ao pescoço, bengala, botinas envernizadas, todo ele está ali, a destoar.

— Minha cara senhora... — diz-lhe o rato, fleumático. — Nestes últimos dias sei que tem andado à minha procura. E eu a fugir de si. Até parece que marcámos um encontro em Samarcanda. Pois é meu penoso dever comunicar-lhe que, em nome da humanidade e por crimes de furto e vandalismo cultural, vossa excelência foi condenada a uma morte sem clemência. Nomeio seu executor o cidadão Marklin, aqui presente. É inútil procurar controlar-lhe a metade cibernética. Desbloqueei todos os programas de acesso. Marklin livrou-se do jugo. Peço-lhe que aceite a sua sorte com a devida resignação e dignidade.

— Marklin? Mas que brincadeira vem a ser esta? Como é que tiveste acesso aos terminais de programação? Marklin, responde, é uma ordem! Que porcaria tens aí na mão? O que é que julgas que vais...

— Agora, Bwana, *agora!* — grita o rato.

— Escuta Marklin, ouve o que te digo, — começa Suzana, melosa, aproximando-se. — Não prestes atenção ao que ele está a dizer... Sem mim, que será de ti, anh? Sabias que o processo de captação mnésica pode ser revertido? Queres o teu passado de volta? Eu dou-te tudo, amor, tu mereces isso e muito mais... Basta um novo implante no córtex visual para retransmitir todo o cinema da tua vida...

— As minhas memórias...

— É mentira, Patrão! Pelos céus...

— Marklin, escuta... Não querias voltar a descer o Mississipi com Huck Finn? Visitar Gormenghast com a Princesa Fuchsia? Viajar até Luna numa esfera de cavorite?

— Ela está a mentir, Bwana. Que interesse tem ela em preservar-te? Essas memórias

já não são tuas, perdeste-as. Não te deixes vender por uma promessa tão inútil...

— Vê lá se te calas, estúpido programa! — rosna o dumbo, alterando a voz, uma voz masculina que é a *sua*. — Estou a dizer a verdade, e Marklin sabe disso tão bem quanto eu, não é, *parceiro*? Porque é que vieste desinquietá-lo com as ilusões da liberdade? Marklin, recorda-te que ainda há poucos dias querias *morrer*! Ah, rato miserável, que vais ser caçado, não tarda nada. Caçado e afogado como rato que és. Como foste capaz de pensar que *ele* me faria mal? Marklin, escuta, eu sou tu, um *eu* completo, perfeito, acabado... Sei de cor os livros que leste, todos os jornais para onde olhaste, mesmo de relance, o que respondeste ao leiteiro numa manhã de Junho há vinte anos atrás, o teu primeiro amor e quantas vezes dormiste com ela, a cábula que te apanharam na frequência de Engenharia Molecular, o que te passou pela cabeça quando mergulhaste com o Míssil de Neurotoxina no corpo sagrado da Matrix...

— Não quero, — murmura Marklin,

— Ai não? — pergunta Suzana/Marklin, quase em cima dele, waldo extensor prestes a agarrar-lhe o pulso.

*Não*, grita Marklin numa explosão de fúria, torcendo a espada nas mãos, inclinando-a para o alto. Durante fracções de segundo o cabo de monofilamento entra em contacto com os miocircuitos de uma das pinças. Saltam chispas. E o braço desprende-se, quebradiço como um galho seco, indo tombar sobre os fungos já espezinhadados da biota intestinal.

O dumbo rodopia, tromba erguida, raivoso. Parte da extensão dorsal atinge Marklin em cheio, atirando-o quase dois metros pelo ar.

— Queres matar-me? É isso? Depois de tudo o que fizemos juntos? A nossa relação não significa nada? O teu passado deixou de importar? Sabes que ao matares-me te matas também? Marklin, meu irmão, pensa nas tuas memórias...

Marklin levanta-se, espada a rodopiar sobre a cabeça, boca torcida num esgar. Acabou-se. O passado morreu. Ninguém volta a casa. Não pode haver pesadelo maior do

que olhar para trás. Eis a oportunidade única de um suicídio por procuração.

E o dumbo, compreendendo enfim toda a inutilidade de qualquer palavra, procura defender o corpo com a tromba e a outra pinça sobrevivente, mas ambas acabam por ser cortadas pela espada, saltando cada uma para o seu lado, a pinça com um tinir metálico, a tromba a contorcer-se num estertor muscular. Um jacto de linfa ácida tolda a atmosfera. De todos os lados acorrem bexigas, sequiosas de fluídos. Cego, o dumbo perde coerência e voz. O codificador semântico apenas emite os acordes desesperados de uma AGÁPÊ. Ao som da música, Marklin afadiga-se sobre a carcaça que se contorce, espreme e se esvazia, como um carnicheiro no açougue. Tem nas mãos uma espada ecléctica. Tanto corta implantes plásticos, como metal, como couro e carne. O interior inefável do corpo do dumbo é composto por milhares de bolsas que se fecham, independentemente umas das outras. Por fim, todas elas acabam por ceder à carícia inevitável da lâmina, derramando no ar fumarolas de pó branco.

E Marklin prossegue na escama. Líquidos sob pressão, óleos lubrificantes, materiais semi digeridos borram-lhe a sintaderme. Não quer saber, não se importa. É o seu passado que está ali, aos seus pés, e para um passado como foi o seu, que várias vezes o trouxe à beira de um suicídio consentido, só pode haver uma resposta, e por isso corta, corta, corta...

— Não achas que já chega? — pergunta o rato. — Não é por mais nada, se a brincadeira te dá prazer, mas olha que acabaste de estragar um exemplar único, um elemento dissidente de uma espécie colectivista...

— E se te calasses? — rosna-lhe Marklin, levantando-se, abandonando a espada para ir vomitar num canto da cratera.

— Vá lá, — continua o rato. — Respira fundo, olha o passarinho, isto não é nada que uma bebida não resolva. Vamos sair daqui, sim? Já deves estar farto de ter essa

sintaderme a fazer-te de pulmões...

Marklin acompanha-o, a arrastar os pés. As pernas mal o aguentam. O solarium, lá ao fundo, brilha como uma jóia abandonada sob a neutralidade do Limbo.

— Que pena, que pena... — insiste o rato, olhando para trás, para os restos esquartejados do dumbo, agora totalmente cobertos por um manto de bexigas. — É que nem dá para empalhar!

## 14

— Quero ir-me embora! — exclama Marklin, atirando com o copo mais a placa gráfica onde estavam impressas as tábuas de multiplicação, contra uma árvore recém plantada. Cinco roedores jardineiros escapam-se, aterrados.

— Embora como? — pergunta o rato, fazendo de conta que não está a perceber.

— Através do gerador de EspaçoNulo, claro. Que diabo estamos aqui a fazer há tantos dias? Quero ir para casa, ou, caso isso não seja possível, procurar a Di... Diáspora, enfim, fazer qualquer coisa! Este asteróide é uma prisão. Além disso, estou farto de te aturar!

— Posso sugerir que se despertem mais...

— Nem penses, — vocifera Marklin, pondo-se de pé. — Não, já disse. Eles sabem mais do que eu, lembram-se de mais coisas, faziam de mim gato sapato!

— Que ideia, Patrão! Eles...

— Faziam, sim! Uma atriz de holopornos, um miúdo Esquimó famélico, um velho pedófilo debochado, um esq... esquizóide de personalidade múlt... múltipla, um psicopata e isto só como exemplo. Que lindas prendas, que companhia eu não haveria de ter. Antes

prefiro seguir a estrada dos tijolos amarelos...

— Se julgas que te vou ajudar... — ralha o rato, num tom moroso. — Bem podes ficar à espera. Bwana. O risco é demasiado alto. Iria pôr em causa a integridade dos meus programas...

Marklin encolhe os ombros, dirigindo-se às escadas:

— Então faz lá o que quiseres. Vou sozinho, pronto! Quanto tempo pensas que vai durar a energia dos geradores, se continuarmos aqui, sem fazer nada?

— Ao ritmo actual, mesmo com todos os adormecidos despertos, trezentos e cinquenta anos standard.

— Dispensso esse tipo de graçolas. Ah! Ah! Ainda não percebeste que tenho medo de ficar aqui para sempre?

— Medo? Mas medo de quê? — espanta-se o rato, acompanhando-o na descida. — Ouviste o que te perguntei, Patrão?

Marklin imobiliza-se a dois passos da cadeira indutora:

— Medo da Suzana, claro. De que ela possa voltar... As coisas nunca são assim tão simples... Quando a cortei ao meio, havia ainda ovos no interior, percebes? Mas quase todos os sacos estavam vazios...

— O meu amigo não estará a imaginar coisas? O que acabou, acabou. Eh, não te sentes, Patrão... Larga esse capacete, sim? Não calces as luvas, vá, por favor, Marklin? Estás a ouvir-me? Ainda não te encontras devidamente preparado... o teu imaginário... Não li

## 15

Então

## 16

Quando Marklin volta a abrir os olhos, descobre-se deitado na maca da unidade de apoio médico do asteróide. Ecrãs encontram-se ligados ao longo de todas as paredes, revelando o esplendor do EspaçoReal.

Naves imensas, redondas como charutos, fulgem num milhar de cintilações. Planetóides vogam, arrastando tiaras de mil micro-sóis. Esferas Dyson rodopiam, majestosas, transportando no bojo sistemas solares completos. Enxames de pontos dourados saltitam daqui para acolá, percorrendo minutos/luz em poucos segundos.

Inclinado sobre a maca, o holograma do rato negro esboça um sorriso complacente:

— Então, como é que estamos?

— O EspaçoNulo...

— Saímos dele mesmo a tempo. Tive de me resolver a dar-te uma mãozinha nos momentos finais. Quiseste armar-te aos cucos, atravessar diagonalmente a Galáxia e ias caindo na Singulariedade do Centro. Felizmente parte da Diáspora, a famosa Diáspora das Naves fugitivas, estava a passar por perto. As nossas auras foram detectadas por algumas das raças mais empáticas. Ajudaram-nos a vir à superfície. Agora perguntam-nos se queremos acompanhá-las. Se os nossos sistemas de propulsão estão à venda... respondi-lhes que sim, claro!

Marklin levanta-se, tolhido e perplexo:

— Estás em permanente comunicação com elas?

O rato descalça uma das luvas e põe-se a polir as unhas, todo ufano:

— Raças de telepatas, raças capazes de um grau de total empatia, outras especializadas em semiologia e xenolinguística... Questão de horas, apenas, até estabelecer um protocolo de comunicações entre as partes interessadas. Só ainda não entendi o sentido de uma das perguntas que permanentemente me andam a fazer... É estranho, porque a pergunta parece ser bem explícita...

— Pergunta?

— Bom, querem saber se *Marklin* é o código identificador de qualquer espécie comunitária. Respondi-lhes que não, que *Marklin* é um indivíduo. Perguntaram-me em seguida: *Se é assim, porque têm todos o mesmo nome?*

— *Todos?* — grita, Marklin, aterrado. — Todos quem?

E lá fora, sob a protecção reconfortante da bioderme, em milhares de nichos rochosos judiciosamente escolhidos, a segunda postura de dumbos começa a rasgar o invólucro de gelatina isotérmica. Biliões de minúsculas trombas rudimentares brotam à superfície, apalpam timidamente o território desconhecido, chamando-se umas às outras pelo único nome capaz de as individualizar: MARKLIN MARKLIN MARKLIN MARKLIN,

Um nome que é Legião.